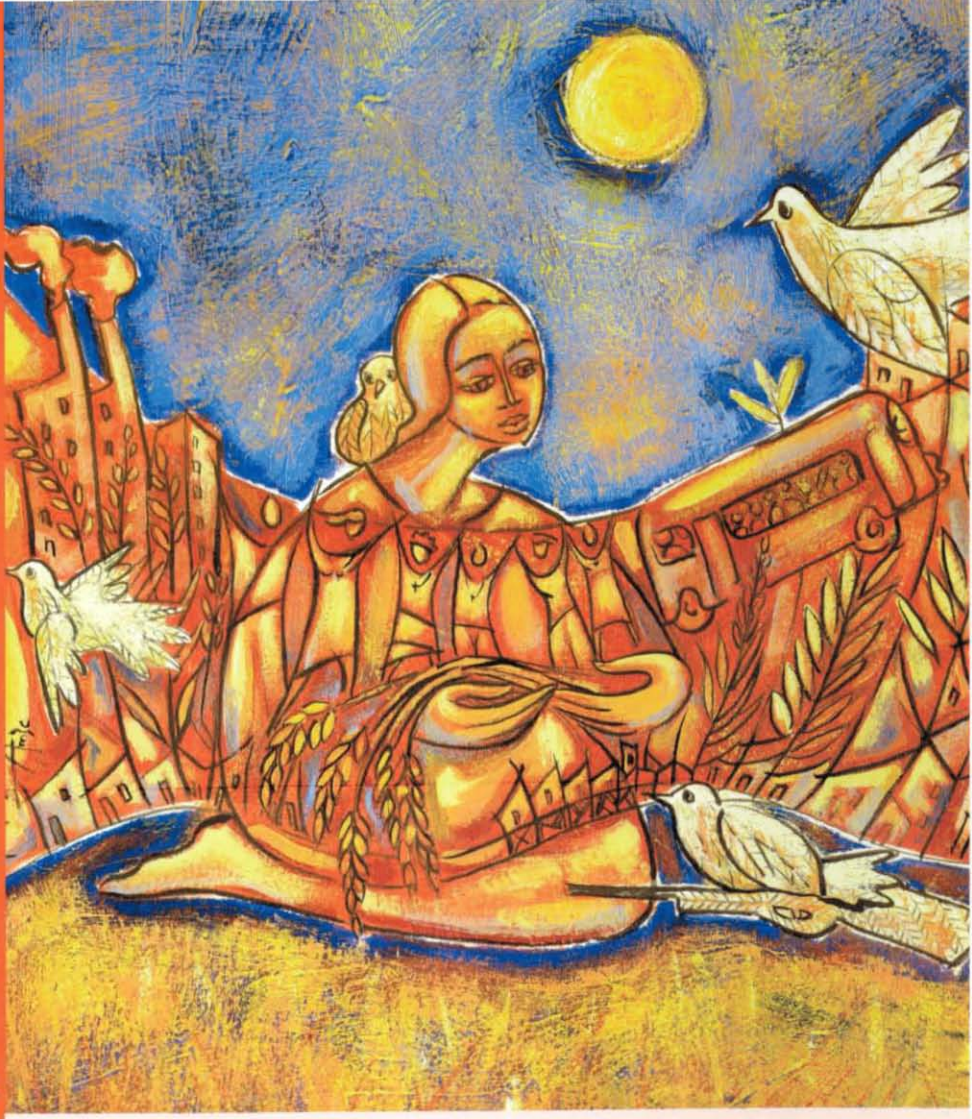
CONVERGÊNCIA

ISSN 0010-8162

Outubro 2007 • Ano XLII • Nº 406



- Espiritualidade Amazônica
- É preciso avançar corajosamente!
- A realidade do poder na formação inicial
- Mútuas Relações entre Religiosos(as) e Leigos em Instituições Profissionais
- Identidade Indígena e Vida Religiosa

CRB

EDITORIAL 449
PALAVRA DO PAPA 454
INFORME CRB 458
ARTIGOS 465
Espiritualidade Amazônica 465
CLAUDIO PERANI, SJ
É preciso avançar corajosamente! 474
ITACIR BRASSIANI, MSF
A realidade do poder na formação inicial 484
PATRICIA VILLARROEL, SS.CC.
Mútuas Relações entre Religiosos(as) e Leigos em Instituições Profissionais 493
AFONSO MURAD, FMS
Identidade Indígena e Vida Religiosa 504
FLORÊNCIO DE ALMEIDA VAZ, OFM

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirada no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.

CONVERGÊNCIA
Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Márian Ambrósio, DP

REDATOR RESPONSÁVEL
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial
Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

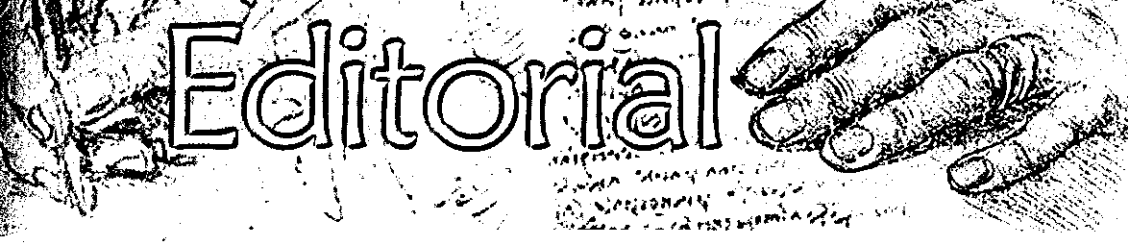
DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2007 | Brasil: R$ 80,00
Exterior: US$ 80,00 ou o correspondente em R$ (Reais)
Números avulsos: R$ 8,00 ou US$ 8,00

PROJETO GRÁFICO: *Célia Maria Cerveira - Designer Gráfico*



Discípulos e Missionários

Já se tornou uma tradição na Igreja Católica a dedicação do mês de outubro à Missão. Em todo o mundo, as comunidades eclesiais são convidadas a participar da Missão da Igreja com renovado vigor e a aprofundar a sua reflexão sobre essa dimensão fundamental da sua vocação cristã: com o Filho e pelo Espírito, anunciar o amor misericordioso e salvífico do Pai. A Vida Religiosa especialmente, está sempre, de alguma forma, comprometida com o Reino, e por isso mesmo, profundamente envolvida com a Missão do Filho.

No atual momento eclesial da América Latina, quando ainda respiramos os ares da V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e do Caribe, somos convidados a viver intensamente esse *kairós* de especial atenção à Missão, conscientes, cada vez mais, que somos parte do Povo de Deus, que pertencemos à Igreja e em comunhão somos anunciadores do Reino e pregoeiros da Boa Nova do Evangelho.

A Missão da Igreja, que tem origem e fonte na missão de Jesus, pode se desdobrar em infinitas possibilidades de serviços e de relações. Comprometidos com o carisma do Instituto ao qual estamos ligados/os, às vezes, somos levados/as a nos esquecer do objetivo principal de todos nós: anunciar o amor de Deus-Trindade, que convida todo ser humano a partilhar da sua vida de relação. Os motivos para essa perda de foco podem estar no excesso de trabalho, no fato de estarmos empenhados em serviços que não expressam muito claramente a nossa opção primeira, e, muitas vezes, pelo vai-vem cotidiano que nos impermeabiliza aos apelos outrora sentidos como urgentes e prioritários.

O Documento da V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, com a ênfase dada à Missão, pode ser um novo estímulo à nossa missionariedade. O tema tratado em Aparecida traz consigo um forte apelo à dimensão missionária de toda vocação cristã. Os Bispos ali reunidos assumem o compromisso de serem os primeiros animadores da Missão em âmbito continental. Mostram ter consciência de que o chamado missionário é de todo o povo de Deus: clero, leigos e Vida Religiosa; que este chamado perpassa todas as instâncias e instituições eclesiais: dioceses, paróquias, comunidades eclesiais de base, institutos e ordens religiosas, enfim: todos os que vivenciam um encontro verdadeiro com o Cristo e experimentam a comunhão na comunidade eclesial. Aliás, os Bispos sublinham constantemente, em todo o documento, estes dois pilares sustentadores da vocação missionária: encontro com Cristo e encontro com os irmãos no cotidiano da vida.

Como o chamado à Missão nasce do encontro com Cristo, a vida religiosa pode-se considerar um espaço privilegiado de Missão, posto que a nossa vida está centrada nesse encontro, que tentamos manter sempre vivo e atual, e que se concretiza também no encontro com todos aqueles e aquelas que cruzam o nosso caminho e a quem, como pessoas e como comunidade de consagrados/as, nos propomos amar e servir. Tudo isso constitui um desafio e comporta enorme responsabilidade.

Não será este o tempo certo para nos deixarmos interpelar pelos desafios que estão sendo lançados à Igreja da América Latina e do Caribe como um todo? Sem dúvida, a Vida Religiosa saberá encontrar neste momento especial, neste kairós missionário, um novo estímulo para viver os diferentes carismas que acolhe, no verdadeiro espírito de comunhão e de serviço aos irmãos, na e com a Igreja, caminhando com todos para a construção do Reino de Deus no crucial momento histórico da humanidade.

O documento de Aparecida nos estimula a não ter medo de aceitar o desafio de Jesus de Nazaré: Faze-te ao largo! Lançai vossas redes em águas mais profundas! Não nos deixemos acomodar pela vida segura e confortável, pelo medo do desconhecido e do fracasso, pois quem nos envia para as águas profundas nos promete: Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens.

Convergência deste mês de outubro traz excelentes artigos que visam animar as comunidades na sua missão profética, em meio aos grandes desafios do mundo atual.

"Espiritualidade Amazônica" – de Cláudio Perani, sj – é um artigo sugestivo e inspirador. No horizonte das hodiernas preocupações com a ecologia e da Campanha da Fraternidade de 2007, o texto tem particular interesse e atualidade. O autor introduz o assunto lembrando que o tema é bastante complexo e até mesmo confuso: "Hoje a espiritualidade amazônica é mais uma procura do que uma realidade. Na medida em que se aprofundar o processo de inculturação nessa região, poderá aparecer, também, uma espiritualidade amazônica". Para o autor seria mais pertinente falar de espiritualidades amazônicas, em plural, porque a realidade cultural da Amazônia é pluriforme, o que faz mais complexo o assunto. Com essas aclarações prévias, o autor articula o texto em três grandes tópicos: – o que entender por espiritualidade; – breve panorâmica cultural-religiosa da Amazônia; – traços constitutivos da espiritualidade amazônica. O núcleo central do artigo está precisamente no terceiro tópico. São apresentadas aí as linhas mestras do que se pode considerar a espiritualidade amazônica. A vivência dessa espiritualidade supõe "modificar nosso olhar e saber reconhecer, além das outras, as riquezas de espiritualidade vividas pelos povos que habitam a Amazônia". No entender do autor, são três as características da espiritualidade amazônica. Em primeiro lugar, é uma espiritualidade da floresta. De fato, a Amazônia é terra sagrada, coberta de florestas, atravessada por rios imensos, e isto induz a pensar no Criador e a sentir sua presença envolvente. A espiritualidade da floresta é, portanto, ecológica. Os católicos, diz o autor, precisam rever a sua relação com o meio ambiente, e re-aprender o sentido da humanidade como parte da criação e não como seu dono. A espiritualidade amazônica é também libertadora, e leva os católicos a se confrontar necessariamente com os povos mais discriminados da Amazônia, como lugar teológico. Um terceiro traço da espiritualidade amazônica é a itinerância. A contínua mobilidade das populações locais "exige uma Igreja itinerante, uma pastoral itinerante, uma espiritualidade itinerante". O artigo termina

narrando uma experiência concreta e sugestiva de espiritualidade amazônica.

Itacir Brassiani, msf, no seu artigo – "É preciso avançar corajosamente! Uma meditação a partir da atual encruzilhada da Vida Religiosa" – tece considerações interessantes e sugestivas sobre a dimensão de sonho ou utopia intrínseca à vida humana e à experiência de fé, e imprescindível à Vida Religiosa para que esta não seja um projeto inviável. Nessa perspectiva, o autor comenta vários textos da Sagrada Escritura, procurando extrair deles a inspiração e a seiva vital capaz de re-alimentar o compromisso do religioso/a no seu caminho de seguimento, em meio às circunstâncias do momento histórico. A narrativa do jovem rico (Mc 10,17) e a tentação do povo eleito de voltar à fartura das panelas de carne do Egito (Ex 16,3) são apresentadas pelo autor como metáforas de uma situação crítica, onde é preciso optar e decidir-se como sucede com a Vida Religiosa hoje. Nessa ótica, o texto sugere perspectivas de seguimento audaz e profético: – manter o olhar sempre fito em Jesus Cristo, como referencial absoluto nas opções fundamentais (Hb 12,21); superar a tendência a fechar-se sobre si mesmo para dar vida aos irmãos e irmãs (Jo 15,13); armar a tenda num mundo em movimento e fazer dele a própria pátria (Jo 1,14); sair e caminhar por terras desconhecidas(Gn 12,1); assumir a condição de membros de um só corpo (1Cor 12, 12-26), de pequena luz numa pluralidade de caminhos (Mt 5,14), de testemunhas eloqüentes de uma humanidade reconciliada (VC 37). O autor conclui o artigo lembrando que tudo isso pode tornar-se poesia escapista e irresponsável se não se conjugar o sonho do poeta que imagina o jardim e a disciplina do jardineiro que transforma o terreno baldio em terra florida" E provoca as comunidades religiosas: "É preciso avançar mar adentro, caminho afora. O tempo da graça é hoje, a terra sagrada é aqui".

"A Realidade do Poder na Formação Inicial", de Patricia Villarroel, ss.cc, é um texto extremamente atual e iluminador. Na introdução, a autora situa a temática que pretende desenvolver, lembrando que "no complexo mundo das relações humanas podemos reconhecer as formas de influência que, consciente ou inconscientemente, exercemos uns sobre os outros. Esta influência é uma forma de poder que nos permite, às vezes, expressar a opinião ou realizar a ação que queremos. Todos, uns mais outros menos, temos estas cotas de poder". As comunidades religiosas de formação não escapam a essa realidade. Por isso, a autora se propõe analisar essa complexa rede de relações de poder na Vida Religiosa, com o intuito de projetar luz sobre a sua incidência nos processos formativos. O artigo focaliza três grandes vertentes da temática geral. A primeira delas é a questão das relações de poder no trabalho pastoral, na vida comunitária e no desempenho da autoridade, pontos chave do processo de formação na Vida Religiosa. O poder de Jesus como kenosis é a segunda vertente tratada pela autora. Na sua opinião, "Jesus não se afirmou no poder para viver a sua missão. Ele não pertenceu a nenhuma das estruturas de poder do seu tempo, nem se vinculou aos grupos dos poderosos, senão através das críticas e discussões que o levaram à morte. Seu poder é libertador, promove e humaniza. É, de fato, gerador de vida e comunhão". A terceira vertente se ocupa mais diretamente das relações de poder na formação inicial, questão de capital importância. Na opinião da autora, a kénosis de Jesus está chamada a inspirar formadores/as e formandos/as na difícil arte do amadurecimento humano progressivo, sobretudo no que tange às relações de poder. Nesta perspectiva, o texto sugere

três grandes pistas de ação: – Formar membros do povo de Deus, desenvolvendo a consciência de unidade e pertença para exercer a própria cota de poder como serviço. – Formar irmãs e irmãos dos outros, mediante situações de vivência fraterna qualificada intra e intercongregacionalmente. Projetar sempre uma imagem de superiores que não são superiores. Neste ponto a autora é incisiva: "só podemos pretender que os jovens assimilem a kénosis do Senhor se nós, formadores e formadoras, superiores de comunidades e obras, soubermos nos situar como servidores, como irmãs e irmãos que estão a serviço da vida e da comunhão, e que acompanham o caminhar dos outros respeitando a sua liberdade e promovendo a sua participação adulta nos seus processos de formação e crescimento".

O artigo de Afonso Murad – Mútuas relações entre Religiosos/as e leigos em Instituições profissionais" – é particularmente oportuno e atual. O seu fio condutor é a colaboração, em suas várias vertentes, como peça fundamental na missão da Igreja e da Vida Religiosa. No início, o autor esclarece os termos básicos do tema. Em seguida discorre com competência e clareza sobre alguns eixos fundamentais dessa importante e delicada questão, tais como: – A entrada dos profissionais leigos nas instituições dos consagrados; – o profissionalismo nas instituições formais; – a caracterização de uma instituição profissional; – profissionalismo e amadorismo; – diferença que faz a diferença; – a distinção entre o profissional leigo e o leigo engajado; – a paixão pelo carisma. Concluindo o autor afirma: "É possível e necessário estreitar a relação com os leigos, também no ambiente profissional das instituições formais. Isso será feito, inicialmente, com o profissionalismo animado pela fé. Mas não se limitará a esse plano. Quando os religiosos acreditam que alguns de seus colaboradores leigos se transformarão em reais parceiros e companheiros, e investem nisso, começa o belo caminho da missão partilhada".

"Identidade Indígena e Vida Religiosa", de Florêncio Almeida Vaz Filho, é um interessante artigo, que procura resgatar a história do Grupo de Religiosos Negros e Indígenas (GRENI), focalizando a candente questão da presença étnica dentro da Vida Religiosa. O texto parte de uma breve memória da participação indígena no GRENI, com suas dificuldades peculiares. Lembra a influência marcante da cultura européia nas estruturas e no estilo da Vida Religiosa no Brasil, fato que, sem dúvida, contribuiu para as dificuldades encontradas pelo indígena na sua opção pela Vida Religiosa. Os resultados de uma pesquisa realizada em 1996 são comentados pelo autor, destacando algumas das dificuldades mais freqüentes vividas pelos candidatos indígenas, que batiam às portas das Congregações religiosas. Na opinião do autor, muitas vocações se perderam em razão desses conflitos de ordem cultural. A complexidade do tema é tratada com pertinência na parte central do artigo, com destaque para a conflitiva questão de uma monolítica ideologia da negação do indígena, existente ao longo da nossa história. Para o autor, "a contra ideologia que já está sendo propagada desmonta tais idéias e aponta para outra direção: os descendentes dos povos indígenas são índios também, do mesmo jeito que o filho do peixe peixinho é; os índios mestiçados ou "misturados" com outras raças não deixam de ser índios, pois ser índio é principalmente questão de consciência e afirmação política e não de "pureza" de sangue; índio é índio tanto nas aldeias na floresta como nas cidades; índios são "civilizados" também e estão dispostos a compartilhar os frutos da sua civilização com todos os povos". A urgência de

novas relações interétnicas na Vida Religiosa é o argumento da parte final do artigo, que procura abrir perspectivas novas para o processo. O artigo é iluminador e provoca a Vida Religiosa a abrir-se ao diálogo interétnico e a superar antigos preconceitos, questionando suas práticas discriminatórias e revendo seus posicionamentos diante da realidade. "Não adiantará incentivar os religiosos indígenas a desenterrar e trabalhar seus traumas, se seus irmãos de comunidade vão continuar preconceituosos, eurocentristas e mesmo racistas. Os indígenas precisam se sentir acolhidos verdadeiramente como indígenas para poder se abrir".

Mensagem do Papa Bento XVI para o LXXXI Dia Missionário Mundial 2007

"Todas as Igrejas para o mundo inteiro"

Queridos irmãos e irmãs!

Por ocasião do próximo Dia Missionário Mundial gostaria de convidar todo o povo de Deus Pastores, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos para uma reflexão comum sobre a urgência e a importância que reveste, também neste nosso tempo, a ação missionária da Igreja. De fato, não cessam de ecoar, como chamada universal e apelo urgente, as palavras com as quais Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado antes de subir ao Céu, confiou aos Apóstolos o mandamento missionário: "Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado". E acrescentou: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28,19-20). Na empenhativa obra de evangelização ampara-nos e acompanha-nos a certeza de que Ele, o dono da messe, está conosco e guia incessantemente o seu povo. É Cristo a fonte inexaurível da missão da Igreja. Este ano, além disso, um ulterior motivo nos estimula a um renovado compromisso missionário: de fato celebra-se o 50º aniversário da Encíclica do Servo de Deus Pio XII *Fidei donum*, com a qual foi promovida e encorajada a cooperação entre as Igrejas para a missão ad gentes.

"Todas as Igrejas para o mundo inteiro": é este o tema escolhido para o próximo Dia Missionário Mundial. Ele convida as Igrejas locais de cada Continente a uma partilhada consciência sobre a urgente necessidade de relançar a ação missionária perante os numerosos e graves desafios do nosso tempo. Certamente são diferentes as condições em que vive a humanidade, e nestes decênios foi realizado um grande esforço para a difusão do Evangelho, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Contudo, permanece ainda muito a fazer para responder ao apelo missionário que o Senhor nunca se cansa de fazer a cada batizado. Ele continua a convidar, em primeiro lugar, as Igrejas chamadas de antiga tradição, que no passado forneceram às missões, além dos meios materiais, também um número consistente de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, dando vida a uma eficaz cooperação entre comunidades

cristãs. Desta cooperação surgiram abundantes frutos apostólicos quer para as jovens Igrejas em terras de missão, quer para as realidades eclesiais de onde provinham os missionários. Perante o progredir da cultura secularizada, que por vezes parece invadir cada vez mais as sociedades ocidentais, considerando além disso a crise da família, a diminuição das vocações e o progressivo envelhecimento do clero, estas Igrejas correm o risco de se fecharem em si mesmas, de olhar com pouca esperança para o futuro e de diminuir o seu esforço missionário. Mas é precisamente este o momento de se abrir com confiança à Providência de Deus, que jamais abandona o seu povo e que, com o poder do Espírito Santo, o guia para o cumprimento do seu desígnio eterno de salvação.

O Bom Pastor convida a dedicar-se generosamente à *missio ad gentes* também as Igrejas de recente evangelização. Mesmo encontrando não poucas dificuldades e obstáculos no seu desenvolvimento, estas comunidades estão em crescimento constante. Algumas felizmente abundam de sacerdotes e de pessoas consagradas, não poucos dos quais, mesmo sendo tantas as necessidades *in loco*, são contudo enviados para desempenhar o seu ministério pastoral e o seu serviço apostólico noutras partes, também nas terras de antiga evangelização. Assiste-se desta forma a um providencial "intercâmbio de dons", que redunda em benefício para todo o corpo místico de Cristo. Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um. Além disso, espero que o Dia Missionário Mundial contribua para tornar cada vez mais conscientes todas as comunidades cristãs e cada batizado que a chamada de Cristo é universal para propagar o seu Reino até aos extremos confins do planeta. "A Igreja é por sua natureza missionária, escreve João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio*, porque o mandato de Cristo não é algo contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja. Segue-se daí que a Igreja toda e cada uma das Igrejas são enviadas aos não-cristãos. Mesmo as Igrejas jovens... devem participar quanto antes e de fato na missão universal da Igreja, enviando também elas, por todo o mundo, missionários a pregar o Evangelho, mesmo se sofrem escassez de clero" (n. 61).

... espero que o Dia Missionário Mundial contribua para tornar cada vez mais conscientes todas as comunidades cristãs e cada batizado que a chamada de Cristo é universal para propagar o seu Reino até aos extremos confins do planeta.

Cinqüenta anos do histórico apelo do meu predecessor Pio XII com a Encíclica *Fidei donum* para uma cooperação entre as Igrejas ao serviço da missão, gostaria de recordar que o anúncio do Evangelho continua a revestir as características da atualidade e da urgência. Na mencionada Encíclica *Redemptoris missio*, o Papa João Paulo II, por seu lado, reconhecia que "a missão da Igreja é mais vasta que a "comunhão entre as Igrejas"; ela deve estar orientada também e sobretudo no sentido da missionariedade específica" (n. 65). O compromisso missionário permanece portanto, como foi várias vezes recordado, o primeiro serviço que a Igreja deve à humanidade de hoje, para orientar e evangelizar as transformações

culturais, sociais e éticas; para oferecer a salvação de Cristo ao homem do nosso tempo, em tantas partes do mundo humilhado e oprimido por causa de pobrezas endêmicas, de violência e de negação sistemática dos direitos humanos.

A esta missão universal a Igreja não se pode subtrair; ela constitui para a Igreja uma força constrangedora. Tendo Cristo confiado em primeiro lugar a Pedro e aos Apóstolos o mandato missionário, ela compete hoje antes de tudo ao Sucessor de Pedro, que a Providência divina escolheu como fundamento visível da unidade da Igreja, e aos Bispos diretamente responsáveis da evangelização quer como membros do Colégio episcopal, quer como Pastores das Igrejas particulares (cf. *Redemptoris missio*, 63). Portanto, dirijo-me aos Pastores de todas as Igrejas colocados pelo Senhor como guias do seu único rebanho, para que partilhem a preocupação do anúncio e da difusão do Evangelho. Foi precisamente esta preocupação que estimulou, há cinqüenta anos, o Servo de Deus Pio XII a tornar a cooperação missionária mais correspondente às exigências dos tempos. Especialmente perante as perspectivas da evangelização ele pediu às comunidades de antiga evangelização que enviassem sacerdotes em apoio das Igrejas de recente formação. Deu assim vida a um novo "sujeito missionário" que, desde as primeiras palavras da Encíclica, tirou precisamente o nome de "*Fidei donum*". Em relação a isto escreveu: "Considerando por um lado as multidões sem conta de filhos nossos que, sobretudo nos Países de antiga tradição cristã, participam do bem da fé, e por outro a multidão ainda mais numerosa dos que ainda aguardam a mensagem da salvação, sentimos o ardente desejo de vos exortar, Veneráveis Irmãos, a amparar com o vosso zelo a causa santa da expansão da Igreja no mundo". E acrescentou: "Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através do seu ministério, inflame todos os fiéis" (*AAS* XLIX 1957, 226).

"Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através do seu ministério, inflame todos os fiéis"

Demos graças ao Senhor pelos frutos abundantes obtidos por esta cooperação missionária em África e noutras regiões da terra. Multidões de sacerdotes, depois de terem deixado as comunidades de origem, dedicaram as suas energias apostólicas ao serviço de comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento. Entre eles encontram-se não poucos mártires que, ao testemunho da palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida. Também não podemos esquecer os numerosos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, juntamente com os presbíteros, se prodigalizaram para difundir o Evangelho até aos extremos confins do mundo. O Dia Missionário Mundial seja ocasião para recordar na oração estes nossos irmãos e irmãs na fé e quantos continuam a prodigalizar-se no vasto campo missionário. Peçamos a Deus que o seu exemplo suscite em toda a parte novas vocações e uma renovada consciência missionária no povo cristão. De fato, cada comunidade cristã nasce missionária, e é precisamente com base na coragem de evangelizar que se mede o amor dos crentes

para com o Senhor. Poderíamos dizer que, para cada um dos fiéis, não se trata simplesmente de colaborar na atividade de evangelização, mas de se sentir eles mesmos protagonistas e co-responsáveis da missão da Igreja. Esta co-responsabilidade exige que cresça a comunhão entre as comunidades e se incremente a ajuda recíproca no que diz respeito quer ao pessoal (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos voluntários) quer ao uso dos meios hoje necessários para evangelizar.

Queridos irmãos e irmãs, o mandato missionário confiado por Cristo aos Apóstolos diz respeito verdadeiramente a todos nós. O Dia Missionário Mundial seja portanto ocasião propícia para tomar mais profunda consciência e para elaborar juntos itinerários espirituais e formativos apropriados que favoreçam a cooperação entre as Igrejas e a preparação de novos missionários para a difusão do Evangelho neste nosso tempo. Contudo não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à ação missionária da Igreja, é a oração.

"A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos diz o Senhor. Pedi, portanto, ao dono da messe para que mande trabalhadores para a sua messe" (Lc 10,2). "Em primeiro lugar, escrevia há cinqüenta anos o Papa Pio XII de venerada memória, rezai pois, Veneráveis Irmãos, rezai mais. Recordai-vos das imensas necessidades espirituais de tantos povos ainda tão distantes da verdadeira fé ou privados de socorros para perseverar nela" (*AAS*, cit. p. 240). E exortava a multiplicar as Missas celebradas pelas Missões, observando que "isso responde ao desejo do Senhor, que ama a sua Igreja e a quer extensa e florescente em todos os ângulos da terra" (Ibid., p. 239).

Queridos irmãos e irmãs, renovo também eu este convite sempre muito atual. Propague-se em todas as comunidades a coral invocação ao "Pai nosso que está no céu", para que venha o seu reino à terra. Faço apelo sobretudo às crianças e aos jovens, sempre prontos para generosos impulsos missionários. Dirijo-me aos doentes e aos sofredores, recordando o valor da sua misteriosa e indispensável colaboração na obra da salvação. Peço às pessoas consagradas e especialmente aos mosteiros de clausura que intensifiquem a sua oração pelas missões. Graças ao compromisso de cada crente, alargue-se em toda a Igreja a rede espiritual da oração em favor da evangelização. A Virgem Maria, que acompanhou com solicitude materna o caminho da Igreja nascente, guie os nossos passos também nesta nossa época e nos obtenha um novo Pentecostes de amor. Em particular, torne-nos conscientes de que todos somos missionários, isto é, enviados pelo Senhor a ser suas testemunhas em todos os momentos da nossa existência. Aos sacerdotes *"Fidei donum"*, aos religiosos, às religiosas, aos leigos voluntários comprometidos nas fronteiras da evangelização, assim como a quantos de vários modos se dedicam ao anúncio do Evangelho garanto uma recordação na minha oração, e concedo com afeto a todos a Bênção Apostólica.

Graças ao compromisso de cada crente, alargue-se em toda a Igreja a rede espiritual da oração em favor da evangelização.

Vaticano, 27 de maio de 2007,
Solenidade de Pentecostes.

BENEDICTUS PP. XVI

1. Carta aos Catequistas

"Procura com grande zelo nunca te esqueceres de tudo o que teus olhos viram. Nada disso se afaste do teu coração, por todos os dias da tua vida, mas ensina-o a teus filhos e netos"
(Dt 4,9)

Queridos catequistas,

Com alegria e gratidão, neste dia (26 de agosto) dedicado aos catequistas, quero parabenizá-los pela bonita e importante missão que desempenham na ação evangelizadora da Igreja. São milhares espalhados pelo Brasil, dedicados a anunciar e testemunhar Jesus Cristo e a sua proposta do Reino. Uma mesma paixão nos une: Continuar a missão iniciada por Ele – "Ide fazer discípulos entre todas as nações e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28,19-20). Recordo aqui as palavras do Papa Bento XVI, no seu discurso aos jovens, destacando a importância da catequese na transmissão dos valores da fé, afirmando: "para perceber o bem necessitamos de auxílios, que a Igreja nos proporciona em muitas oportunidades, principalmente pela catequese. Jesus mesmo explicita o que é bom para nós, dando-nos sua primeira catequese".

O catequista é, antes de tudo, um discípulo e missionário de Jesus Cristo. É alguém que foi seduzido por Ele e que se deixou seduzir. Por isso, procura viver na sua proximidade e intimidade. Nossa catequese deve propiciar este encontro com Jesus através da partilha da Palavra, dos momentos de oração e da vivência fraterna. A fé, mais do que um conjunto de conhecimentos é, antes de tudo, um encontro com o Bem-Amado. É desta relação amorosa que os catequizandos precisam viver. Recordo as palavras do Papa Bento XVI, onde diz que um grande meio para introduzir o povo de Deus no mistério de Cristo é a catequese. Nela se transmite de forma simples e substancial a mensagem de Cristo. Será necessário, portanto, intensificar a catequese e a formação na fé de crianças, jovens e adultos. A reflexão madura da fé é luz para o caminho da vida e força para ser testemunhas de Cristo (Cf. Discurso do Papa Bento XVI na Abertura da V Conferência de Aparecida).

O amor pelo Mestre leva os catequistas a seguir a sua mensagem numa comunidade fraterna. Mesmo se a fé é uma decisão pessoal, ela só cresce na convivência com os outros. A experiência de uma comunidade de fé e de amor é fundamental para quem quer ser discípulo de Jesus. A catequese não pode ser vivida de maneira isolada. A comunidade é fonte, lugar e meta da catequese.

Desde já convidamos você catequista a preparar o "Ano Catequético Nacional" em 2009. Como os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), queremos aquecer nossos corações, ouvindo as Sagradas Escrituras e reconhecer o Cristo Ressuscitado no meio de nós na partilha do pão e da Eucaristia. A Palavra de Deus está no centro de nossa catequese e a participação na Missa nos ajuda a viver, na própria vida, o mistério pascal.

O zelo apostólico do catequista o leva a ser missionário. Não podemos guardar para nós o tesouro que recebemos. Num mundo marcado por tanta confusão ideológica e religiosa precisamos anunciar e testemunhar Jesus Cristo, cujo conhecimento é a plena realização do ser humano. Faço eco das palavras do Papa Bento XVI, ao recordar que os catequistas são colaboradores competentes dos bispos e merecedores de confiança, e também não são simples comunicadores de experiência de fé, mas devem ser autênticos transmissores das verdades reveladas (cf. Discurso aos bispos do Brasil).

A experiência de uma comunidade de fé e de amor é fundamental para quem quer ser discípulo de Jesus. A catequese não pode ser vivida de maneira isolada. A comunidade é fonte, lugar e meta da catequese.

Mais do que nunca, a nossa catequese é chamada a transformar a realidade na qual vivemos. "Será também necessário uma catequese social e uma adequada formação na Doutrina Social da Igreja" (discurso do Papa Bento XVI na abertura da V Conferência). A Campanha da Fraternidade deste ano nos alertou sobre os problemas e as possibilidades da Amazônia. A catequese não pode ficar alheia aos problemas atuais. Pelo contrário, deve lançar as luzes da fé sobre as angústias e as esperanças das pessoas no mundo de hoje. A verdadeira fé nunca se acomoda, mas vive na esperança que um outro mundo é possível.

Que a V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, nos ajude a ser "discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele os nossos povos tenham vida".

Parabéns a você catequista, e que Deus o mantenha firme neste ministério!

Brasília, 23 de abril de 2007

Dom Eugênio Rixen
Bispo de Goiás (GO)
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral
para a Animação Bíblico-Catequética

2. Apontamentos sobre VR Inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária – AGE 2007

O horizonte das reflexões e debates desta XXI Assembléia Geral da CRB nos lança, nos convoca a *olhar, situar, analisar* e *inserir-se* neste tempo de mudanças civilizatórias em novos espaços. Espaços em transformação nos quais a vida se encontra ameaçada e precisa ser defendida, dignificada e promovida.

1. Respigando o caminho

Resgatar criativamente a VR inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária foi a meta assumida na prioridade 06 como um grito, um apelo incisivo no final de sua XX AGO em julho de 2004 :

"Resgatar de forma criativa, a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, ad gentes e em realidades emergentes". E desenvolvida pelo programa: VR – Inserção em Meios Populares e em novos espaços de Presença Solidária, com o lema "respigar a memória, celebrar o presente, sonhar profecia".

Programa que com o objetivo de: *"Convocar a Vida Religiosa Consagrada para o resgate criativo da Inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária, numa renovada opção pelo povo empobrecido e excluído nos diferentes contextos sociais em fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo e aos carismas fundacionais"*, deu corpo, rosto e dinamismo ao processo que hoje celebramos e propomos continuidade. Um processo bonito que deu asas à esperança, ressuscitando o animo de muitas e muitos na caminhada da inserção, oportunizando retomar o caminho percorrido, reafirmar convicções e vislumbrar novos horizontes e desafios.

2. Ressignificando o caminho

Inserir significa 'colocar-se no meio', *"incluir-se entre"*. Após o Concílio Vaticano II, mais precisamente a partir da clara opção da Igreja da AL pelos pobres nas Conferências de Puebla e Medellín a Inserção da VR no mundo dos pobres, assumindo seu lugar geográfico e social como lugar teológico da morada de Deus, tornou-se uma forma privilegiada e profética para muitas/os religiosas/os viverem sua Consagração/missão. E constituiu um marco, contribuiu de maneira decisiva para uma nova configuração histórica da VR e da Igreja pós-conciliar no Brasil e na AL.

Implicou num movimento exodal (cf. Ex 3,7-10). Êxodos geográficos, sociais, culturais e espirituais. Um movimento de saída do centro para a periferia, do meio urbano para o rural, ou seja, de deixar o ambiente da "Jerusalém" para se fixar na "Galiléia". Assumindo um processo de despojamento, de 'Kenosis' social e espiritual que provocou grandes mudanças pessoais e comunitárias no estilo de vida, na mentalidade, no jeito de rezar, de se relacionar, de realizar os processos formativos e de atuar na missão. A Vida Religiosa, o Religioso Inserida/o em Meios populares acentua o viver *com*, e o tanto quanto possível *como* os pobres,

partilhando de suas alegrias e esperanças, sofrimentos e lutas, fé e vida.

Hoje afirmamos convictas que a Inserção não é uma onda que passou, o lugar do pobre, continua sendo o lugar da morada de Deus, e é lá que quem se consagra a Deus deve estar, pois se *'o artista vai onde o povo está'* como canta Milton Nascimento, muito mais a religiosa, o religioso que livremente *'deixou de ser do seu pra ser de Deus e do povo'.*

O Contexto atual – globalização capitalista neoliberal geradora de exclusão, violência e morte de milhões de pessoas, povos e culturas...Continua interpelando as Congregações a uma Vida religiosa inserida nos meios populares, nas fronteiras e periferias dos espaços em transformação.

O Resgate Criativo da Inserção da VR nos meios populares e em novos espaços insere-se no processo de recriação de toda a VR.

O Resgate Criativo da Inserção da VR nos meios populares e em novos espaços insere-se no processo de recriação de toda a VR. É um retorno às fontes originárias da Vida Consagrada, marcada pela dedicação, participação, reflexão e iniciativas inovadoras em diversos níveis e dimensões. É um relançar a inserção como jeito de toda a VR ser, em fidelidade ao Princípio da Encarnação – Deus que arma a sua tenda entre os pobres, assume a sua causa e por esta causa dá a Vida.

Uma encarnação vivida nas fronteiras das causas humanas, onde os direitos dos povos indígenas, dos afros descentes, das mulheres traficadas, das crianças e adolescentes prostituídas e de tantos outros filhos e filhas de Deus são negados, violentados e desrespeitados.

Lá *'morando e convivendo com'* ou assumindo os espaços articuladores dos direitos à vida e à cidadania, para com o conhecimento, ética e firme empenho garantir que estes direitos, através das políticas públicas, cheguem àqueles e àquelas que mergulhados no mundo da exclusão clamam e esperam por dias melhores.

Nesta tarefa a VR se junta a muitos outros e outras, a organizações, grupos e pessoas que de forma processual vão gestando uma alternativa profética e solidária, construída em articulações, redes, parcerias e alianças solidárias como expressão de sua opção pelos pobres, caminho de fidelidade a opção fundamental por Jesus Cristo.

A encarnação vivida desta forma nos remete diretamente ao Evangelho. Não é uma encarnação qualquer, uma inserção sem critérios, no embalo da atualidade pós-moderna, ou uma simples repetição do passado. É um movimento de volta ao Evangelho, aos pobres, á participação ativa na luta do povo, à prática e vivência da justiça e do amor solidário.

Numa sociedade injusta e desigual, o seguimento de Jesus se realiza necessariamente na opção pelas pessoas e populações empobrecidas e excluídas, em caminhos de resistência e solidariedade, rumo à transformação dos sistemas e estruturas injustas.

A partir desse dado inquestionável, os Institutos de Vida Consagrada não têm outro caminho a não ser buscar discernir juntas e juntos caminhos concretos de vivenciar a opção evangélica pelos pobres, à luz dos diversos carismas fundacionais. A opção pelos pobres é essencial para a VR. Os pobres são o espelho onde a VR se vê e se reconhece, onde encontra seu nascedouro e a razão para continuar existindo.

O lugar do pobre continua sendo o lugar da morada de Deus, e é lá que quem se consagra a Deus deve estar, porém hoje a inserção não

pode ser só geográfica, a VR deve ir e estar não só aonde os pobres moram (**estão**), mas aonde os pobres **vão** (na roça, nas praças, nas feiras; no mercado informal de trabalho, nas iniciativas e grupos de economia solidária; nas escolas públicas, nas instituições de assistência e promoção social; nos conselhos, Programas de saúde, família...).

A VR vive um momento histórico de transição e de busca de novos horizontes. Traçar caminhos supõe situar-se nos espaços sociais, políticos, culturais e teológicos. Faz-se necessário tecer prospectivas.

O carisma é uma realidade dinâmica, e será mais fecundo duradouro e eficaz quanto mais livre e ousada for nossa capacidade para criar *novas expressões* e animar *novos estilos de vida e missão* que lhe expressem.

O carisma é uma realidade dinâmica, e será mais fecundo, duradouro e eficaz quanto mais livre e ousada for nossa capacidade para criar *novas expressões* e animar *novos estilos de vida e missão* que lhe expressem. A presença solidária Inserida da VR é sem dúvida uma forma privilegiada de atualizar e encarnar nossos carismas, assumindo espaços e projetos concretos que nos aproximem mais dos pobres, que expressem significativamente os valores de nossa espiritualidade e missão.

3. A VR Inserida e Solidária constitui meio e caminho para vivermos a dimensão sócio-política do carisma, tornando-o Sinal – profecia do Reino na Igreja e na Sociedade.

A Vida Religiosa pós-conciliar, sobretudo, a inserida em meios populares carrega no ventre uma rica experiência deste partilhar o carisma no compromisso com transformação sócio-política da sociedade, através da inserção e engajamento nas pastorais sociais, nos movimentos e organizações populares. Legado que trouxe para a VRC em geral um leque de possibilidades para a *encarnação e inculturação do carisma.*

4. Nas últimas duas décadas devido ao recuo da Igreja às orientações do Concílio Vaticano II, de um certo esfriamento da Teologia da Libertação e a ascensão da Igreja dos movimentos espiritualistas, as congregações também freiaram em muito sua inserção social no mundo dos pobres e nos espaços da sociedade civil. Fator gerador de uma profunda *crise de significatividade* e *aprisionamento do carisma.* O individualismo, o consumismo e o

3. Ampliando horizontes: VR-SOL – caminho de encarnação dos carismas

1. A Missão da Vida consagrada consiste, em primeiro lugar, no testemunho de vida radicado na experiência do seguimento de Jesus. Deste compromisso brota o cuidado com a causa do Reino expresso no compromisso com a justiça, a solidariedade na defesa da vida dos empobrecidos e empobrecidas. Daí a inserção e a presença solidária junto aos pobres é exigência do seguimento de Jesus.

2. Nossas fundadoras e fundadores receberam os Carismas de nossas Congregações e Institutos como o dom e os propuseram à Igreja e ao mundo como ***"Projeto de vida evangélica"*** – *projeto* que vai além dos muros e paradigmas congregacionais já instituídos.

aburguesamento ofuscaram a profecia carismática herdada dos fundadores/as e enfraquecem a força de atração às novas gerações.

5. Mas, como a vida sempre nos oferece possibilidade de recomeçar, temos novamente a oportunidade de refazer o caminho. As novas pobrezas nos desafiam a *ocupar os espaços vazios* e/ou aqueles que não estão sendo ocupados devidamente. Os novos tempos estão exigindo *novas sensibilidades, novas inserções e novas expressões de solidariedade.* Nos lança para um presente futuro sob o imperativo da solidariedade, do compromisso com os pobres, da espiritualidade bíblica e libertadora, de uma vivência comunitária que transcende a observância, de uma instituição que se entende como um espaço de mediação em meio a outras, por isso não pode se isolar deve ser *flexível, criativa e aberta às redes e parcerias com outras congregações, grupos e organizações.*

6. Ser presença alternativa, ocupar espaços na sociedade civil, atuar em redes e parcerias com organismos, pastorais e movimentos sociais, tendo em vista projetos conjuntos que visam combater as causas profundas da exclusão social.

Esta compreensão coloca para nós a urgência de continuar buscando meios e caminhos para simplificar e atualizar a estrutura e compreensão de nós mesmas enquanto pessoas e Instituição, de assumir a inserção nos espaços que promovem e defendem a vida e os direitos dos pobres, como um *movimento de volta ao Evangelho, como um modo peculiar de ressignificar o carisma e a missão deixados por nossas fundadoras/es.*

As novas pobrezas nos desafiam a *ocupar os espaços vazios* e/ou aqueles que não estão sendo ocupados devidamente. Os novos tempos estão exigindo *novas sensibilidades, novas inserções e novas expressões de solidariedade.*

Vale lembrar que a inserção nestes espaços é exigente e desafiadora, requer *mística pascal profunda, consciência crítica apurada, capacidade de acolhida e convivência com o diferente, abertura a novos paradigmas e clareza de projeto e de identidade.*

Nossa presença nestes espaços como mulheres e homens consagradas/os deve ultrapassar as atividades que realizamos, fala alto enquanto *testemunho social dos conselhos evangélicos (**obediência** como fidelidade aos sinais dos tempos, **castidade** como amor-doação ao Deus encarnado, num compromisso afetivo e efetivo com os empobrecidos/as, **pobreza** como partilha, solidariedade e compromisso com os pobres, pelos pobres e contra a pobreza estrutural).*

Para avançar neste caminho faz-se necessário novas *travessias exodais:*

- **Dos templos para as tendas:** *"... Cosntruímos templos porque queremos segurança e depois somos engolidos pelo templo que construímos. O templo esgota a criatividade. Nele não se pode fazer mais do que um trabalho de manutenção ou conservação, a tenda por sua vez desmascara a segurança e definitividade. Oferece uma grande mobilidade, oferece liberdade em meio à fragilidade, possibilidade de itinerância, leveza... Toda história da Salvação mostra que o Espírito de Deus trabalha na direção das tendas..."* (Frei Moacir Casagrande, OFMCap.).
- **Das Casas de Formação para as Ruas de Formação:** *"... Quem opta pelo templo constrói casas de formação. Quem opta por*

tendas constrói ruas de formação. Precisamos responder uma pergunta básica para definirmos o processo formativo: Queremos formar para a missão e a prática de Jesus ou para a manutenção de nossas instituições. Se for para nossas instituições então seguimos a direção do templo e das casas de formação. Se for para a missão e prática de Jesus temos que trabalhar na linha das tendas e das ruas de formação" (F. Moacir Casagrande, OFMCap.).

- **Do Centro para a Periferia e a fronteira** – *Itinerâncias geográficas, sociais, culturais, metodológicas...*
- **Da ajuda aos pobres para a convivência e a luta com os pobres** – *fazer com, evitar o assistencialismo, ultrapassar as caridades filantrópicas...*
- **Das atividades intercongregacionais a projetos e convivências: Intercongregacionais...** *Partilhando recursos humanos, materiais e a riqueza do nosso carisma numa relação de interatividade mútua em vista da missão junto aos empobrecidos, nos lugares de fronteiras.*
- **De uma 'eclesialidade eclesiocêntrica' restrita à paróquia, à igreja hierárquica para uma 'eclesiologia Reinocêntrica',** *caracterizada pela nossa missão específica de ser SINAL do Reino de Deus no mundo. "Somos eclesiais e não eclesiásticas; temos como mandato eclesial, sinalizar a comunhão trinitária de nosso batismo, de nossa Consagração, e esta não se vincula à Igreja enquanto hierarquia, mas a igreja da comunhão e participação – igreja povo de Deus! Assumir nossa laicidade.*
- **De uma cidadania passiva a uma cidadania ativa** – *ampliar a participação, o engajamento e a militância propositiva nos diferentes espaços onde atuamos.*
- **De uma visão de carisma restrito à Instituição a uma visão do Carisma como DOM para,** *ou seja, como um carisma que se faz missão pela presença dos membros da Instituição no interior de outras...*

4. Sonhar Profecia – Prospectivas

Janelas de Ação pensadas pelo GT Ampliado:

1. Reassumir a inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária como prioridade na CRB e em nossas congregações.
2. A continuidade dos GT ampliado como grupo de reflexão e articulação.
3. Subsídio interdisciplinar que fundamente, dê sustentação e projete a caminhada.
4. (Re)assumir o processo formativo na inserção.
5. Dar visibilidade à presença e ação transformadoras da VR inserida (sistematizar e divulgar experiências).
6. Empenhar-se para que nossa solidariedade ultrapasse a filantropia – unir Solidariedade e cidadania ativa – Dimensão sócio-política dos carismas.
7. Ampliar o leque de nossas inserções, sair do estritamente eclesial...ocupar espaços na sociedade civil, espaços de luta por políticas públicas...
8. Comprometer-se com a erradicação do tráfico de seres humanos, assumindo esta causa como uma resposta concreta ao GRITO das novas pobrezas.

São Paulo, 17 de julho de 2007.
Ir. Eurides Alves de Oliveira, ICM

Espiritualidade Amazônica

CLAUDIO PERANI, SJ

Na conjuntura atual da Igreja na Amazônia, fala-se com sempre maior freqüência de **espiritualidade amazônica**. Pode ser que isso aconteça motivados por uma certa moda: a espiritualidade hoje em dia é revalorizada no mundo inteiro e a Amazônia está no centro das atenções, não somente no âmbito da economia e da política, mas também no âmbito da Igreja, só lembrar a Campanha da Fraternidade deste ano, cujo título é "Fraternidade e Amazônia". É lógico que, acordando para o problema da evangelização da Amazônia, se fale também de uma espiritualidade particular.

O tema é bastante complexo e confuso. Nestas breves linhas apresento somente algumas reflexões sem a pretensão de aprofundar muito a questão. Hoje a espiritualidade amazônica, pelo menos no âmbito da Igreja Católica, é mais uma procura do que uma realidade. Para clarear e avançar há necessidade de maior reflexão e de multiplicar os encontros com as diferentes experiências espirituais. Na medida em que se aprofundar o processo de inculturação nesta região, poderá aparecer, também, uma espiritualidade amazônica.

De antemão, é bom lembrar que devemos falar, se isso é possível, de várias espiritualidades amazônicas, pois não existe um só caminho do Espírito, seja porque Ele sopra onde quer e como quer, seja porque as culturas onde Ele atua são muitas e variadas. Com isso, nossa tarefa torna-se ainda mais complexa.

O que é espiritualidade

Como a palavra afirma, espiritualidade é viver segundo o espírito. É uma dimensão fundamental do ser humano, como a corporeidade, a sociabilidade, a ação.... Quando no homem aparece a pergunta do sentido, quando o homem querendo conhecer a si mesmo começa a explorar aquilo que é nele interior, quando começa a observar o mundo, a escutar, a pensar, a meditar, a interpretar e, de conseqüência, a escolher, a decidir, então inicia nele a vida espiritual.

É bom dizer, logo, que a vida espiritual não é uma vida além ou acima da realidade cotidiana, mas é vivida na existência humana de cada dia, sem evasão e isenção.

O homem, no contexto de sua própria realidade cultural, experimenta determinadas relações fundamentais com os seres humanos, com

a natureza e com Deus. Viver segundo o espírito significa abrir-se para essas realidades, transcender o próprio "eu", a própria corporeidade para entrar em comunhão com a natureza, com os outros e, ultimamente, com Deus. Fundamentalmente, significa entrar em íntima comunhão com Deus, se deixar transformar e conduzir por Ele, ter uma relação pessoal que dá sentido a toda nossa vida.

A expressão "vida espiritual" é muito ampla, até ambígua, pois se refere a todos os homens, crentes ou não, cristãos ou de outras religiões: de fato, é uma dimensão da experiência humana, pois cada homem vive "espiritualmente". Ficando no âmbito religioso, a comunhão com Deus é vivida e explicada segundo os caminhos de salvação próprios de cada religião. Para nós cristãos, consiste no seguimento de Jesus Cristo, "vivendo os mesmos sentimentos que Ele teve em sua doação pela humanidade" (Fl 2,5ss). Sabemos que a manifestação dessa comunhão e seguimento de Jesus é uma solidariedade efetiva com todo ser humano, sobretudo os pobres e os pequeninos.

Pela fé cristã, a espiritualidade – definida como encontro com Deus – não significa o esforço do homem para procurar a Deus, mas o reconhecimento da iniciativa de Deus que procura o homem. Deus é encontrado não no céu, numa dimensão ascendente, mas na terra, numa dimensão descendente. É o Deus que ouve o clamor do seu povo e desce para libertá-lo. É o Deus que se torna presente e visível na encarnação de seu Filho. É Jesus Cristo presente onde dois ou três estão reunidos em seu nome e onde há irmãos que estão com necessidades, excluídos e discriminados. Fé no amor de Deus significa reconhecer a gratuidade da iniciativa divina e retribuí-la através do amor pelo próximo. A solidariedade com nossos irmãos e irmãs é, no mesmo tempo, comunhão com Deus, mesmo a gente ignorando essa realidade.

O caminho do encontro com Deus através dos homens deve incluir toda a criação: o mundo mineral, o mundo vivo, o mundo dos homens. O mundo todo é graça, é sinal da gratuidade, da fidelidade e da ternura de Deus. Todas as coisas, amáveis e gostosas por si mesmas, são caminhos para a contemplação de Deus. São um dom de Deus que tem como horizonte último não a finalidade econômica, mas a gratuidade do doador. Atrás da gratuidade das coisas existe a gratuidade de quem oferece. Essa é a dimensão da fé. É também o caminho da espiritualidade: saber descobrir a substância espiritual de toda a criação.

Pela fé cristã, a espiritualidade – definida como encontro com Deus – não significa o esforço do homem para procurar a Deus, mas o reconhecimento da iniciativa de Deus que procura o homem.

A partir dessa perspectiva, podemos reconhecer as patologias que podem existir, também, entre os cristãos, na vivência de sua espiritualidade e que dificultam uma verdadeira relação com as coisas e os homens e, de conseqüência, com Deus.

Em particular, considerando a criação, lembramos alguns desequilíbrios da espiritualidade da nossa época. Podem dificultar a vivência de uma espiritualidade amazônica.

1 – **Naturalismo e Tecnologicismo.** Pensar que a criação se esgota em si mesma, sem possibilidade de referências transcendentes,

ou utilizá-la unicamente para finalidades econômicas através de transformações técnicas.

2 – **Consumismo e Aristocratismo.** Destruir a natureza para consumo humano, sem se preocupar com sua integridade, ou utilizá-la unicamente a serviço de uma elite, quando os bens criados são para todos.

3 – **Espiritualismo.** Considerar os bens criados como simples símbolos de bens invisíveis, sem reconhecer sua consistência própria.

Depois dessas considerações poderíamos pensar que existe uma única e verdadeira espiritualidade e que não tem sentido falar de uma espiritualidade amazônica. Seria uma concessão à moda atual, dificultando o aprofundamento do único caminho do encontro com Deus. Deus é único, a vida dEle com a qual entramos em comunhão é única, o Espírito Santo derramado no coração de todos os homens, apesar de receber nomes diferentes, é único. São Pedro reconhece que o mesmo Espírito que desceu sobre os judeus desceu também sobre os pagãos (cf. At 11,15). Os caminhos do encontro com Deus, porém, são diferentes, tanto quanto existem diferentes religiões. Numa mesma religião pode haver diversas espiritualidades.

Numa mesma religião pode haver diversas espiritualidades.

Podemos reconhecer isso considerando a história da espiritualidade. No âmbito da espiritualidade bíblica, apesar de sabermos que o termo é mais tardio, encontramos no Antigo Testamento a espiritualidade da lei, dos profetas, da sabedoria e dos salmos; no Novo Testamento a espiritualidade de Jesus, dos sinóticos, das comunidades primitivas, de São Paulo, de São João... Com o crescimento do cristianismo multiplicam-se, também, as espiritualidades: agostiniana, beneditina, franciscana, inaciana, salesiana, de Teresinha do Menino Jesus..... Cada fundador de Congregação, ficando fiel ao conteúdo evangélico e ao seguimento de Jesus Cristo, escolhe um ou vários aspectos particulares da riqueza da espiritualidade exemplar de Jesus.

Fala-se, também, de espiritualidade ocidental e oriental, de espiritualidade latino-americana, africana, asiática; de espiritualidade leiga, sacerdotal, da vida consagrada, da vida matrimonial... Cada cultura e cada estado de vida têm seu próprio caminho espiritual. Tudo isso mostra a grande riqueza de espiritualidades existente no âmbito do cristianismo, que tem a capacidade de se adaptar a cada situação.

Podemos considerar, também, a devoção a Nossa Senhora: de acordo com cada contexto social, conforme o lugar no qual ela aparece, a Mãe de Jesus é invocada de diversas maneiras e com diversos nomes. Em Guajará Mirim é Nossa Senhora dos seringueiros. O mesmo vale para a grande variedade de santos e santas, exemplos para nós de caminhos espirituais.

É importante lembrar, também, o "lugar" como condicionante da nossa espiritualidade.[1] Nós existimos no mundo e, dentro dele, num lugar particular. Esse lugar não é simplesmente um dado geográfico, mas tem um significado teológico e, portanto, uma implicação para nossa

[1] Cf. Philip Sheldrake, *"Lugar" e identidade humana, in Espiritualidade e Teologia* – Paulinas, 2005, pp. 199- 234.

espiritualidade. Nós somos marcados pelo lugar do nosso nascimento, pelos lugares conhecidos nas andanças livres ou forçadas e pelo lugar da nossa vida atual. O mundo exterior e o mundo interior formam um contínuo. Com isso não podemos evitar ser culturalmente condicionados em termos dos tipos de paisagem que exercem poder sobre nós. O lugar se torna uma questão espiritual, pois tem a capacidade de revelar e evocar o sagrado, ou o significado mais profundo da existência.

Nós somos marcados pelo lugar do nosso nascimento, pelos lugares conhecidos nas andanças livres ou forçadas e pelo lugar da nossa vida atual. O mundo exterior e o mundo interior formam um contínuo.

Todas as religiões têm seus lugares sagrados, obras do Criador ou de mãos humanas. A Samaritana pergunta a Jesus se devemos adorar a Deus em Jerusalém ou no monte Garizim, dois lugares geográficos. É conhecida a resposta de Jesus: "Chega a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém se prestará culto ao Pai [...]. Os que prestam culto autêntico prestarão culto ao Pai em espírito e de verdade" (Jo 4,21-23). Isso nos reconduz ao essencial da revelação cristã: ela não nos apresenta um lugar, mas uma pessoa, Jesus Cristo. Contudo, a localização não pode ser inteiramente evitada por razão do caráter encarnacional da fé cristã. Jesus nasce num determinado lugar e num momento histórico particular.

Na Amazônia

Numa primeira abordagem, quando alguém pensa na Amazônia, logo fala da grande riqueza que aí se encontra, riqueza de água, de minérios, de seres vivos, flora e fauna etc. Podemos acrescentar a grande variedade de tradições religiosas e, de conseqüência, de espiritualidades. É impossível apresentar um simples elenco dessas tradições, nem é nosso intento. Pode ser suficiente uma breve síntese.

Hoje, por razão dos grandes projetos e das novas levas de migrantes vindos de todas as partes do Brasil, encontramos na Amazônia, além das religiões mais tradicionais, todas as outras formas que existem, diria, no mundo inteiro. Continua a presença da Igreja Católica, com sua variedade de espiritualidades, tradicional, libertadora, carismática. Há uma forte presença de evangélicos, ganhando, a cada dia, inúmeros convertidos. Nascem religiões locais, como o santo Daime (Acre) que se expande além das fronteiras amazônicas.

Seguindo um trabalho da Prof. Anaíza Vergolino[2], podemos lembrar três matrizes fundamentais da espiritualidade da Amazônia ribeirinha que tem sua influência também no mundo urbano. São a matriz indígena, a matriz lusitana e a matriz africana.

Na matriz indígena acontece o fenômeno da incorporação pelo pajé, quando seu corpo é tomado, no transe ritual, por entidades conhecidas como encantados ou caruanas. A pajelança, enquanto cosmovisão, é um sistema de conhecimento dos indígenas amazônicos. Para eles a presença de Deus engloba toda a

[2] Anaíza Vergolino, *Panorama religioso e cultural da Amazônia*, in Raimundo Possidônio e Cecília Tada (org.), *Amazônia, Desafios e Perspectivas para a Missão*, Paulinas, 2005, pp.61-79.

existência e Deus está onipresente, na criação, no cosmo, na natureza, sem se identificar com ela. É uma realidade espiritual que se relaciona sobretudo com a terra, com o vento, com o sol, com o raio e com a chuva. Deus é um Deus vivo na natureza, no cosmo, na tradição e nos costumes do povo. A natureza é vista não somente na sua dimensão material, mas como um sistema social análogo ao humano, na sua dimensão simbólica e cosmológica.

A matriz lusitana dá origem às festas de santos padroeiros, uma das expressões mais fortes da identidade cultural da Amazônia de ocupação mais antiga. Célebre entre todas as festas, o círio de Nazaré, a maior expressão da devoção mariana brasileira, que se realiza anualmente em Belém e se desdobra por todo o interior do estado do Pará. As festas de Nossa Senhora e dos santos são um fenômeno social em que se exprime, de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, econômicas, jurídicas, morais, estéticas; um fato social total. São, por isso, um momento de forte espiritualidade, através de uma cadeia de troca – promessas – entre o devoto e Deus: ofereço algo de mim e recebo de Deus a saúde, a salvação.

As festas de Nossa Senhora e dos santos são um fenômeno social em que se exprime, de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, econômicas, jurídicas, morais, estéticas; um fato social total.

Na Amazônia, apesar de haver uma predominância indígena, grande é, também, a presença africana, particularmente no Pará.

Sua espiritualidade tem no seu centro a busca do axé, do espírito vital e vivificador. A comunhão com a natureza e com suas forças é essencial na cosmovisão dessas populações tradicionais.

A Espiritualidade Amazônica

O Texto Base da Campanha da Fraternidade 2007, em sua introdução, afirma: "Ouvindo o clamor dos Povos da Amazônia, a Igreja Católica no Brasil promove a Campanha da Fraternidade de 2007 com o desejo de provocar uma reflexão que desperte na sociedade brasileira e no mundo a necessidade de conhecer os valores presentes nesses povos, sua maneira secular e criativa de viver e de se organizar e sua história de resistência diante das agressões dos modelos econômicos e culturais que lhes impuseram" (n.1).

Tal convite vale também para nós católicos, no nosso caso, em relação ao tema da espiritualidade. Trata-se de modificar nosso olhar e de saber reconhecer, além das outras, as riquezas de espiritualidade vividas pelos povos que habitam na Amazônia. Mais ainda, trata-se de "amazonizar" nossa espiritualidade.

O botânico Haenke, "quando viajava numa piroga pelo rio Mamoré, em companhia do padre La Cova, missionário espanhol, descobriu nas águas paradas junto à margem essa gigantesca planta aquática [uma Vitória Régia]. Vendo-a, o botânico caiu de joelho em sinal de grande veneração por tão impressionante exemplar da fauna aquática amazônica. Exprimiu com esse gesto seu entusiasmo religioso e científico, com exclamações de elevada espiritualidade ao Criador. Extasiado com a exuberância da planta improvisou um Hino de Ação de Graças

a Deus, impressionando até o próprio missionário".[3] Ferrarini, em cujo livro encontra-se esta citação, afirma que para ter olhos contemplativos e solidários com a natureza é "necessário ter uma espiritualidade".[4]

Considerando o que foi anteriormente dito, podemos apresentar alguns traços daquela que poderíamos chamar "Espiritualidade Amazônica".

Espiritualidade da Floresta

Estamos na Amazônia, pisamos uma terra particular, terra sagrada, terra coberta de florestas, atravessadas por rios imensos. Aqui existe a maior biodiversidade do mundo inteiro: variedade de flora e de fauna, multiplicidade de cores, de perfumes, de essências, de cantos... Um paraíso terrestre. Facilmente somos levados a pensar no Criador, a agradecer sua generosidade e gratuidade. Os indígenas nos ajudam: para eles Deus está presente nesta terra, que é algo de vivo e de sagrado.

Lembramos a importância do lugar para definir nossa espiritualidade. Aqui a floresta se impõe com sua majestade. Está presente não somente para aqueles que nela vivem, mas também no imaginário e na cultura daqueles que moram na cidade e, faz tempo, perderam o contato direto com a floresta. Apesar de tudo, continua viva a relação urbano-rural, influenciando-se mutuamente.

Mas a floresta deve ser respeitada. Ao contrário, hoje é derrubada para interesses econômicos que não têm nada a ver com a finalidade da floresta como está no plano de Deus. Árvores são derrubadas, seres vivos pirateados, água e ar contaminados. O homem, como no paraíso terrestre quando comeu da árvore do bem e do mal, não sabe respeitar o plano de Deus e, com isso, o que era um paraíso transforma-se num inferno. A terra grita contra o homem. Tudo isso é visível, sobretudo, nas periferias das cidades amazônicas onde as condições de moradia e de sobrevivência são subumanas.

Constatando isso, a espiritualidade da floresta deve se tornar espiritualidade ecológica. A preocupação com o meio ambiente, na conjuntura mundial atual e, em particular, da Amazônia, é fundamental. Faz parte de uma espiritualidade sadia. Devemos vigiar e lutar para que a humanidade conserve seu patrimônio ambiental.

... a espiritualidade da floresta deve se tornar espiritualidade ecológica. A preocupação com o meio ambiente, na conjuntura mundial atual e, em particular, da Amazônia, é fundamental.

Devemos reconhecer que nós católicos não fomos grandes ambientalistas porque nossa visão religiosa favorecia o sentido do sagrado na comunidade das pessoas mais do que na relação com a natureza. A ecologia sempre veio em segundo plano com respeito ao compromisso social. Temos que rever a compreensão de nossa relação com o ambiente. É fundamental adquirir um sentido da humanidade como parte da criação, não como seu dono, e reconhecer o valor em si de toda a criação.

[3] Sebastião Antonio Ferrarini, *Cenários Amazônicos*, Porto Alegre, CMC Editora, 2006, pp.32-33.
[4] Id., *Ibid*, p. 12.

Como nos lembra o texto da Campanha da Fraternidade sobre Amazônia, "pôr a Amazônia no centro de nossas atenções fraternas significa aceitar o desafio de nos deixar questionar, surpreender e envolver numa outra maneira de enxergar a natureza, a vida e nossas relações com elas e entre nós" (n.270). Deve ser reinterpretado o sentido dos verbos "dominar, submeter a natureza". Trata-se de "cultivar e guardar" (Gn 2,15). "A expressão 'submeter' poderá ser traduzida por 'governar', 'cuidar', 'preservar', 'conviver'" (n.276).

Com toda razão, a Campanha da Fraternidade nos convida a "aprender dos indígenas, afro-brasileiros e caboclos sua maneira de cuidar e proteger a Mãe Terra" (n. 297). Já o documento dos bispos do Norte, A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, afirmava que "queremos unir-nos aos povos da floresta em sua contemplação do Deus da Vida que manifesta o seu amor maternal na terra, no céu estrelado, no mistério das matas e dos rios" (n. 35).

A ecologia sempre veio em segundo plano com respeito ao compromisso social. Temos que rever a compreensão de nossa relação com o ambiente.

Espiritualidade Libertadora

Acontece que a floresta é habitada. Na época da invasão portuguesa havia milhões de indígenas, falam de 5 milhões ou mais, que viviam na floresta. Muitos foram dizimados, uns vivem nas cidades, outros continuam na mata, juntamente com ribeirinhos, quilombolas, seringueiros, posseiros, migrantes de procedências diversas. Grande parte da população atual (70%?) vive nas cidades em situação, muitas vezes, desesperadora. Os baixos índices de saúde, educação e salário, quando existe, aliados a falta de moradias dignas e equipamentos urbanos, denotam a baixa qualidade de vida da população local.

"A natureza rica é casa de populações pobres", assim um subtítulo da Campanha da Fraternidade (p. 71). É o que acontece. Os grandes projetos do capital nacional e multinacional não se contentam em destruir a natureza. O que mais é atingida e padece é a população local, tendo que viver em situação muito precária. Ainda hoje há situações de escravidão, não somente nas fazendas do interior, mas também no desenvolvido distrito industrial de Manaus, onde operários e operárias devem se submeter a condições de trabalho pouco humanas. São rostos concretos de nossos(as) irmãos(ãs) que são feridos. É o encontro com estes rostos que permite o nosso encontro com Deus, a nossa espiritualidade.

Vimos como o lugar da comunhão com Deus é Jesus Cristo que se identifica com os pobres e quer ser encontrado neles. Para que nossa espiritualidade seja concreta e evangélica tem que se confrontar necessariamente com os povos mais discriminados da Amazônia. São eles o mais importante lugar teológico, quer dizer, o lugar onde podemos ouvir a voz de Deus em sua plenitude e atualidade e descobrir os caminhos do seguimento efetivo de Jesus.

Espiritualidade libertadora significa, em primeiro lugar, a necessidade de nós nos libertarmos de nossa riqueza, do nosso consumismo, do nosso poder e autoritarismo. A opção pelos pobres, proclamada em Medellín e confirmada no documento dos bispos da Amazônia, citado

anteriormente, exige o nosso despojamento, a nossa pobreza pessoal e institucional.

Em segundo lugar, significa colocar-se ao serviço dos pobres, de suas lutas, de seus movimentos, através de um contato direto com eles, através da nossa solidariedade e de todos os meios de que dispomos.

Esse é o caminho da espiritualidade amazônica que nos aproxima do Deus da justiça, aliado dos pobres, dos indígenas, dos ribeirinhos, dos migrantes, dos moradores das periferias. É um caminho exigente e difícil que pode levar ao martírio. Temos o exemplo recente da Irmã Dorothy Stang, assassinada por defender trabalhadores rurais. Temos o caso famoso de Chico Mendes, ele também morto por querer organizar os seringueiros e libertá-los da situação de escravidão. Mas são centenas os trabalhadores do campo, sobretudo no Pará, alguns também da cidade, assassinados por defenderem seus direitos a uma terra ou a um terreno para morar. Poderíamos falar de Espiritualidade do martírio.

É importante não ter uma visão dualista, opondo a espiritualidade da floresta à espiritualidade da libertação. As duas são complementares e se integram e se fortalecem uma na outra. Salvar a terra e a floresta significa salvar os homens que nela vivem, sobretudo pensando nas gerações futuras. Destruir a terra significa destruir a humanidade. Libertar o homem de sua opressão e de seu egoísmo significa conservar a floresta. A terra está associada ao destino do homem. "A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu – a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus. Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora" (Rm 8,19-22).

Como afirma Leonardo Boff, a opção pelos pobres deve andar junta com a opção pela terra.

Espiritualidade Itinerante

É grande a mobilidade dos povos da Amazônia. Na floresta amazônica os indígenas sempre migraram de terra em terra, a exceção de algumas tribos do Marajó e do baixo Tapajós. Depois dos portugueses, chegaram os cearenses, depois deles os sulistas, cada povo com sua cultura e com sua organização. Atualmente continua a migração campo-cidade e estão chegando vários peruanos e colombianos, muitos deles refugiados políticos.

Essa contínua mobilidade exige uma Igreja itinerante, uma pastoral itinerante, sustentada por uma espiritualidade itinerante. Penso signifique a capacidade de sair do próprio lugar, geográfico e mental, de saber dialogar com as diferentes culturas e religiões, de saber descobrir os caminhos das outras espiritualidades.

Conclusão

Prefiro terminar não com palavras minhas, mas trazendo uma experiência concreta de espiritualidade amazônica, assim como aparece no relato da Equipe Itinerante de Manaus.[5]

Durante os primeiros anos, a Equipe trabalhou intensamente o tema da espiritualidade itinerante. Que tipo de espiritualidade era necessário para itinerar de mochila oito meses o

[5] Id., *Amazônia, Desafios e Perspectivas para a Missão*, pp.289-291

ano? Várias pessoas, teólogos e biblistas, ajudaram a aprofundar esse tema. Alguns elementos da espiritualidade itinerante sintetizados pela Equipe nestes anos: "Itinerar, interna e geograficamente, deixando-se conduzir pela brisa do Espírito de Deus, discernindo a sua Vontade, no cotidiano da vida dos pobres, diferentes e excluídos".

A itinerância geográfica, andar de mochila de um lugar para outro, pode parecer inicialmente difícil e dura, porém não é assim. Tendo um pouco de saúde e certo espírito aventureiro, a possibilidade de itinerar pela Amazônia, conhecendo belíssimos lugares e uma diversidade enorme de povos e culturas, é um grande presente e privilégio.... A itinerância interior é a que se faz mais difícil. Ela implica estar disposto a abrir mão dos próprios projetos, a entrar no ritmo dos outros, a flexibilizar-se para adaptar-se às distintas circunstâncias, a não levar respostas pré-fabricadas e, sim, ter a paciência para chegar, suscitar, animar, confiar e acompanhar as próprias iniciativas e respostas do povo. Estar aberto sempre ao novo e inesperado, a refazer ou desfazer as programações e planos previamente estabelecidos etc.

Alguns dos traços da espiritualidade itinerante que ao longo destes anos foram apontados:

- deixar-se levar pelo sopro do Espírito
- descer ao encontro do outro
- os excluídos como sujeitos
- a partir das lógicas dos outros
- a partir dos projetos dos outros
- presença gratuita e solidária
- a serviço dos outros
- complementaridade
- -responsabilidade
- "des-apoderar-se"
- discernimento
- inculturação
- leveza
- mobilidade
- itinerância interior
- diálogo intercultural e inter-religioso
- amizade e fraternidade
- senso de humor.

A espiritualidade itinerante que a Equipe tenta viver assume com radicalidade o desejo profundo de estar com quem ninguém quer estar; estar onde ninguém quer estar; estar como ninguém quer estar.

Endereço do autor:
Cidade Nova
Caixa Postal 235
68501-970 MARABÁ - PA

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - **Que desafios mais urgentes coloca para a Vida Religiosa a questão ecológica hoje?**
2 - **Como potenciar nas comunidades uma visão mais integradora e cósmica de espiritualidade?**
3 - **Que se pode fazer para ajudar as comunidades a assumir os traços da espiritualidade amazônica, mesmo a partir de outros lugares geográficos?**

É preciso avançar corajosamente!

Uma meditação a partir da atual encruzilhada da Vida Consagrada

ITACIR BRASSIANI, MSF

A dimensão do sonho ou utopia é intrínseca à vida humana e à experiência de fé. Sem ela, a vida não vale a pena e a religião se torna vazia. Sem o dinamismo do sonho, a Vida Consagrada é como algo que nos desperta com um sono no estômago. "A vida só é possível reinventada", poetiza Cecília Meireles. E a Vida Consagrada só será um projeto viável se for sonhada, se renascer da inesgotável "fantasia do Amor", como ensinava João Paulo II.

O que fazer para ganhar a vida eterna? (cf. Mc 10,17)

Todos conhecemos e apreciamos aquele encontro narrado pelo evangelista Marcos, no capítulo 10, versos 17-22 do seu evangelho. Jesus estava a caminho de Jerusalém quando uma pessoa aparentemente correta e piedosa se inclinou respeitosamente diante dele e indagou sobre o que é preciso para conquistar uma vida com sentido e qualidade.

Penso que aquela pessoa, da qual não nos é dado saber o nome, vivia uma experiência paradoxal. Por um lado, sentia-se perfeitamente correta, uma pessoa que praticava a contento as leis herdadas dos antepassados, no caminho seguro que conduziria à salvação, e isso desde sempre; por outro, sentia dentro de si um vazio, uma falta, uma insatisfação, algo que ardia dentro de si.

A resposta de Jesus dá um nome a este vazio e aponta um caminho que leva seguramente a uma vida plena de sentido: despojar-se dos bens, partilhá-los com os pobres, trilhar seu caminho pessoal de paixão por Deus e paixão pela humanidade. O caminho que leva à vida eterna não está na segurança de um passado secamente repetido, mas no avanço corajoso, no enfrentamento e na superação das crises, sejam elas como o mar vermelho ou como a cruz do calvário.

Marcos nos informa que aquele bom judeu preferiu voltar às suas miseráveis seguranças, mesmo sabendo que aquela "vidinha" não era capaz de satisfazer seu desejo mais profundo. Os muitos bens e seguranças, acrescidos pelo medo de avançar, impossibilitavam o brilho do olhar dos sonhadores e povoaram seu rosto de sombras. Mesmo percebendo-se semelhante a um enorme camelo, carregado com os fardos das leis e caprichos, imaginava passar pelo buraco da agulha...

A carne do Egito ou o Maná do deserto? (cf. Ex 16,3)

A história desse jovem seria uma parábola da Vida Consagrada num tempo em que os

espaços se transformam profunda e constantemente? Estaríamos preferindo as panelas de carne no Egito ao leve sabor do maná e das codornizes na caminhada, deserto adentro? Apreciaríamos mais os mandamentos e hábitos claros, seguros e impotentes para saciar nossa sede de vida e de liberdade que as trilhas novas e incertas abertas pelo corpo e pela Palavra de Jesus Cristo? Quem sabe, muitos estaríamos cedendo à tentação de voltar para trás, mesmo que a sombra de uma vida sem qualidade venha roubar o brilho de uma vida conformada à radical e apaixonada liberdade de Cristo? Teria a Vida Consagrada "crescido" a ponto de não conseguir mais passar pelas estreitas sendas do Reino?

De fato, há comunidades de pessoas consagradas que perderam o horizonte da esperança. Já não crêem em mais nada. Conformam-se com uma vida sem dores, sem cores e sem sabores. Fazem-se surdas aos clamores que lhes vêm dos oprimidos que estão fora da comunidade, ou que lhes vêm de sua própria alma, oprimida por normas e costumes que sufocam o sonho. São comunidades perfeitamente adaptadas às rotinas, resignadas a um presente sombrio ou aparentemente eficaz, sem coragem para ascender o fogo da memória ou vislumbrar um horizonte mais vasto. O Egito lhes parece o único mundo possível. O cumprimento fiel dos regulamentos lhes oferece uma aparente segurança, mas também rouba o brilho dos olhos.

Apreciaríamos mais os mandamentos e hábitos claros, seguros e impotentes para saciar nossa sede de vida e de liberdade que as trilhas novas e incertas abertas pelo corpo e pela Palavra de Jesus Cristo? Teria a Vida Consagrada "crescido" a ponto de não conseguir mais passar pelas estreitas sendas do Reino?

Há também comunidades de pessoas consagradas que imaginam ter feito uma passagem virtual e já se sentem na Jerusalém celeste, nos palácios da vida eterna. E esta vida eterna seria uma questão da alma, da interioridade, sem relação nenhuma com a fluidez agressiva dos mares deste mundo. A consagração não teria nada a ver com fermento, com sal, com semente, com caminho. Em si mesma, a consagração seria um estado de perfeição, um céu na terra, o céu na alma e a alma no céu... Mas brilho deste falso brilhante também acaba projetando nuvens no rosto e gelo nos corpos de muitas pessoas consagradas.

Mas existem também aquelas comunidades e pessoas consagradas que não se conformam com uma vida medíocre de repetições e fugas, que não escondem nem reprimem o desejo profundo e sagrado de caminhar em direção a uma vida que tenha sabor de eternidade. E se perguntam o que fazer para ganhar a vida eterna, que horizontes contemplar para vislumbrar a nuvem luminosa, quais caminhos tomar para atravessar o mar. São pessoas e comunidades que se dão conta de que todos os espaços estão em transformação: a economia, o trabalho, a cultura, as religiões, os movimentos sociais, a Igreja, o sentido e a forma de viver a consagração, etc. São pessoas e comunidades inquietas e sonhadoras, que se interrogam sobre como viver e organizar a vida consagrada para que ela seja eloqüente aos homens e mulheres que vivem neste hoje.

Com o olhar fixo naquele que viveu plenamente a aventura da fé (cf. Hb 12,2)

Tornou-se habitual e comum definir a Vida Consagrada como seguimento de Jesus Cristo. Há quem considere importante acrescentar que se trata de um projeto e que tal seguimento pretende ser radical, ir até à raiz, tanto em termos de profundidade como no que se refere às conseqüências. Mas o que significa concretamente seguir Jesus Cristo hoje?

Antes de tudo, seguir Jesus significa tê-lo como referencial absoluto nas opções fundamentais, nas diversas relações e também nas práticas ordinárias. É preciso tê-lo sempre diante dos olhos ou, como nos convida a Carta aos Hebreus, manter os olhos fixos em Jesus Cristo, autor e consumador da fé.

Este princípio fundamental tem vários desdobramentos. O primeiro, é a convicção de que Jesus Cristo não é apenas o objeto ou termo da fé, mas também o exemplo acabado e maduro do que significa crer, o "autor e consumador" da fé. Tanto quanto *crer em Jesus Cristo*, a pessoa que se consagra deseja *crer como Jesus Cristo*, perfazer seu caminho de abertura, acolhida e adesão ao Mistério do Pai e seu projeto para o mundo.

Um segundo desdobramento é a consciência de que a percepção e o conhecimento que temos a respeito de Jesus Cristo é sempre limitado e precário. Manter nosso olhar fixo nele implica abertura para novos aspectos, dimensões e horizontes do mistério da pessoa e do projeto de Jesus Cristo que o Espírito vai revelando na história. Trata-se de um olhar de discípulo/a, de aprendiz que se deixa surpreender sempre de novo, que aprende a aprender.

Um terceiro aspecto é que a Vida Consagrada é chamada a fixar esse olhar em Cristo e não simplesmente na Igreja, nas instituições, nos seus próprios eventuais sucessos e fracassos. O envelhecimento dos quadros, a diminuição das vocações, a diminuição da visibilidade e relevância institucional não são por si mesmos sinais de fracasso do projeto da Vida Consagrada. A Vida Religiosa fracassa realmente quando Jesus Cristo deixa de ser a referência e o horizonte inspirador e crítico.

A Vida Religiosa fracassa realmente quando Jesus Cristo deixa de ser a referência e o horizonte inspirador e crítico.

Um último significado desse olhar fixo em Jesus Cristo diz respeito à valorização daquilo que é substancial no evento Cristo: sua *pró-existência*, sua identidade de Servo, sua *kénosis*. Todos sabemos da tentação, nem sempre superada pelas pessoas consagradas, de seguir um Jesus Cristo feito à imagem e semelhança dos seus próprios medos e distanciamento das relações humanas, dos seus sonhos de onipotência e onisciência. Em tempos de fluidez e de insensibilidade diante da vida dos outros, fixando seu olhar em Jesus Cristo as pessoas consagradas reconhecerão nele um Deus que *sai de si*, que *se aproxima* e identifica com o simples ser humano e com as diversas vítimas, que *se esvazia* para ser acolhida solidária, que *desce* para fazer subir.

Não há maior amor que dara vida aos irmãos e irmãs (cf. Jo 15,13)

O olhar fixo em Jesus Cristo é uma resposta Àquele que, olhando em nossos olhos, pronuncia sorrindo o nosso nome e nos chama porque nos ama de forma incondicional. Esse olhar voltado a Ele começa por nos arrancar do fechamento em nós mesmos/as, desta espécie de *ensimesmamento* ao qual a cultura atual pretende nos arrastar, apresentando-o como um novo evangelho.

Ao mesmo tempo, esse olhar fixo em Jesus Cristo abre em nós a possibilidade e a exigência de um progressivo *descentramento*, de uma radical *abertura aos outros* e ao Outro, face que desperta aquilo que somos, caminho que conduz ao nosso verdadeiro ser, luz que permite delinear nossa identidade. E isso é muito importante, e também exigente, num tempo em que os interesses do indivíduo são celebrados como medida que confere valor a todas as coisas.

A superação do *centramento* do indivíduo em si mesmo, em seus medos e interesses, e a conseqüente abertura ao outro implica também na *relativização* do passado e do presente em vista do futuro. A vida cristã, assim como a fé em geral, sem deixar de se encarnar no tempo presente, é uma radical abertura àquilo que ainda será, a uma plenitude esperada para o futuro, a um futuro radicalmente *di-verso* na história ou para além dela. Assim, com uma consciência serena da precariedade do seu tempo, a pessoa de fé se põe a caminho, aceita o desafio de avançar para o meio do mar, adentrando em culturas diferentes.

A superação do *centramento* do indivíduo em si mesmo, em seus medos e interesses, e a conseqüente abertura ao outro implica também na *relativização* do passado e do presente em vista do futuro.

Neste caminho, mantendo os olhos fixos em Jesus Cristo, o/a discípulo/a descobrirá a relatividade de sua própria vida. O valor de sua vida não reside necessariamente no prolongamento dos anos, na saúde estável, no sucesso dos empreendimentos ou no saber ou bens acumulados, mas na qualidade humana dos relacionamentos, no dinamismo que a leva a *ser um dom* para os outros, a estar presente como irmã/o onde quer que esteja um ser humano, especialmente o oprimido. Nestes termos, perder a vida é encontrá-la e possuí-la definitivamente.

Por fim, tal *des-centramento* diz respeito também às próprias comunidades e instituições da Vida Consagrada. E isso significa, em primeiro lugar, assegurar uma permanente avaliação crítica das relações, obras e instituições à luz do mistério de Jesus Cristo e do carisma, ou seja, em função da pessoa humana concreta e tangível que é a pessoa e os grupos oprimidos. Mas significa também deixar de "olhar para o próprio umbigo" e alcançar um olhar "sinodal", em comunhão articulada com o olhar de outros grupos e instituições (de Vida Consagrada ou não) que atuam na sociedade, formulando alianças e redes em vista da realização da missão.

Armar a tenda no mundo em movimento e fazer dele a própria pátria (cf. Jo 1,14)

Mantendo seu olhar fixo em Jesus Cristo, a Vida Consagrada descobrirá o dinamismo e *o convite à encarnação*. Em Jesus de Nazaré o próprio Deus *sai de si*, deixa o mundo das perfeições, imutabilidades, estabilidades e igualdades para assumir a humana carne, com sua historicidade, suas vulnerabilidades, suas necessidades e diversidades. E isso de tal modo e com tal radicalidade que o ser humano passa a ser expressão e caminho para o encontro com Deus.

A Vida Consagrada se descobre interpelada a se aproximar e identificar solidariamente com as vítimas consideradas de forma individual e coletiva, qualquer que seja seu nome, cor religiosa, etnia, cultura, idade, condição social.

O dinamismo da encarnação tem diversos aspectos e desdobramentos. Em primeiro lugar, está a dimensão da *humanização* de Deus. Em Jesus e em Nazaré Deus se faz humano, assume e se faz próximo, de algum modo, a cada ser humano: trabalha com mãos humanas; ama com coração humano; sonha os sonhos humanos; cresce no ritmo do crescimento humano; experimenta os limites e possibilidades do anonimato e do cotidiano (cf. GS 22).

Mas a encarnação de Deus tem também uma dimensão histórica: em Jesus de Nazaré, o galileu desprezado e perseguido, Deus se encarna numa cultura marginalizada e desprezada, assume a *miséria e a exclusão*, o mundo do pobre e oprimido. Na solidão da cruz, Deus ultrapassa todos os limites da aproximação e *se identifica com as vítimas* de todos os tempos e sistemas. No clamor do crucificado Deus pronuncia sua Palavra única e contundente; uma palavra feita de dor e de angústia, mas também permeada de fé e de esperança.

Nos passos e no dinamismo do Deus encarnado e crucificado a Vida Consagrada é conduzida à encarnação no mundo, chamada a entrar nele pela porta do estábulo e da cruz, pela porta das vítimas. Sua postura em relação ao mundo plural, ambivalente e em permanente transformação não é nem de desprezo, nem de acomodação: é de *profecia* sustentada pela mística da semente, do fermento, do sal. Encarnando-se, a Vida Consagrada vem *somar-se às forças de emancipação e solidariedade* que estão em movimento (na Igreja, fora da Igreja ou até contestadoras de certas figuras de Igreja), sem medo de ser confundida, ignorada ou contestada.

A Vida Consagrada se descobre interpelada a se aproximar e identificar solidariamente com as vítimas consideradas de forma individual e coletiva, qualquer que seja seu nome, cor religiosa, etnia, cultura, idade, condição social. E, ao mesmo tempo, a assumir e potencializar os dinamismos de liberdade e vida suscitados pelo Espírito na plural história dos povos, culturas e religiões. E faz isso não apenas nos grandes momentos e no palco da publicidade, mas especialmente no espaço cinzento da vida cotidiana.

Sair e caminhar para terras desconhecidas (cf. Gn 12,1)

A vida não é *porto*, ponto de chegada: é *parto*, saída. Também não é um ponto fixo e imutável: é história, caminhada, travessia, êxodo. Este é um dos grandes ensinamentos da epopéia do povo de Israel. E isso também pode ser dito do ser humano: cada ser humano é, ao mesmo tempo, mestre discípulo e caminho. Mestre não é quem sabe, mas quem está sempre aprendendo. E caminho não é apenas aquele que está pronto, mas aquele que a gente faz.

Abraão descobriu o apelo que o conduziria a si mesmo: "Sai da tua terra e vai para a terra que eu lhe mostrarei..." Ele tinha que sair no presente, mas a meta só seria revelada no caminho, no futuro. E Moisés, de forma semelhante, vai ao encontro dos israelitas e parte em direção ao deserto sustentado por uma promessa: "Eu estou contigo..." Uma promessa, uma interpelação que leva ao futuro, que põe a caminho.

"Venham e vejam!" Com este convite Jesus acolhe o desejo peregrino daqueles dois discípulos de João Batista (cf. Jo 1,35-52). E eles deixaram o Batista, a família, a casa e a vila e se matricularam na escola da estrada, fizeram-se aprendizes de um caminho, discípulos de um caminheiro. Trocaram a segurança da casa pela aventura da estrada, o reconhecimento de doutores pelos riscos de alunos, a estabilidade do conhecido pelo não saber que desestabiliza.

Eis aqui um itinerário a ser seguido pela Vida Consagrada nestes tempos em que os espaços mudam de forma e de consistência, oferecendo riscos e oportunidades: uma vida marcada pela abertura, pelo êxodo, pela procura, pela aventura, pela caminhada. E uma Vida Consagrada que assume o desafio de caminhar sabe que não pode levar muita bagagem: leva somente o que é indispensável, consciente de que a caminhada possibilita também a invenção, a criatividade. Como as tribos que saíram do Egito carregando os ossos de José, a Vida Consagrada segue levando nas costas a memória heróica daqueles e daquelas que abriram caminhos e espaços de convivência humana e solidária, mas sabe que no Egito não há mais caminho e que no deserto ele ainda pode ser aberto.

... uma Vida Consagrada que assume o desafio de caminhar sabe que não pode levar muita bagagem: leva somente o que é indispensável, consciente de que a caminhada possibilita também a invenção, a criatividade.

Se um outro mundo é possível, ensaiar essa possibilidade é um imperativo! Não importa quão relativos e difíceis sejam tais ensaios. Pouco importa se a caminhada dura alguns meses ou se estende por anos ou décadas: *sair é urgente*, caminhar é preciso, chegar importa pouco. O sonho é uma Vida Consagrada que edifique *menos casas* e abra *mais caminhos*...

Como diferentes membros de um único corpo (cf. 1Cor 12,12-26)

Eis que uma vida assim vivida e consagrada é uma aventura que necessita de companhia que seja, ao mesmo tempo e sempre, amiga e

crítica. Quando a meta é perfazer um caminho de êxodo de si mesmo para o outro, do fechamento para a solidariedade, o processo será necessariamente relacional, participativo, comunitário.

Na missão de manifestar o rosto do Pai e dinamizar sua ação no mundo, Jesus Cristo não se apresentou como um *guru de indivíduos* ou protagonista único da saga da emancipação da humanidade. Ele começou chamando e acolhendo homens e mulheres para, com ele e depois dele, participar da sua missão e completar sua obra. Estes discípulos e discípulas foram mais que colaboradores/as ou empregados/as: foram parceiros/as, amigos/as, irmã/os. Com eles/as Jesus estabeleceu relações inovadoras e formou uma espécie de *nova família* na qual desapareceram as figuras do pai e da mãe. E isso sem sacrificar a originalidade de cada pessoa em favor da unidade.

Mais tarde, refletindo sobre as características e exigências desta nova família inaugurada por Jesus Cristo, Paulo a compara com os membros de um corpo (cf. 1Cor 12,12-26): *a diferença* que caracteriza cada indivíduo em termos de competência e missão não significa hierarquização ou exclusão, mas *riqueza e complementaridade*; a originalidade e a irrepetibilidade de cada pessoa está a serviço do bem-comum; cada indivíduo, por ser indivíduo, sabe do seu valor e dos seus limites e, por isso, abre-se aos demais; aqueles/as que são aparentemente mais fracos/as e dispensáveis necessitam de maior atenção; quando um membro sofre ou se alegra, todos os demais participam da sua dor ou sua satisfação.

Hoje, mais do que noutros tempos, a Vida Consagrada é desafiada a abrir caminhos para o reconhecimento, aceitação e potencialização do indivíduo. O amor, distintivo maior da vida cristã, é o *reconhecimento e a aceitação do outro como outro*. Mais que um sentimento, o amor é a atitude de atenção e dedicação ao outro e suas necessidades, conscientemente assumida e cultivada. Perseguindo este objetivo, a Vida Consagrada será uma escola de comunhão e participação capaz de conduzir seus membros ao amor maduro, sereno, equilibrado e sustentável.

É evidente que a comunidade cristã ou religiosa, na medida em que se propõe a conduzir seus membros ao amor aberto e serviçal a partir dos valores de cada indivíduo, não se identifica com uma espécie de "asilo afetivo", onde cada pessoa espera apenas ser acolhida e respeitada incondicionalmente. Por causa de sua raiz cristã, e mesmo por conta da própria condição humana, a comunidade religiosa será sempre *pascal*: conta com as tensões e conflitos próprios da vida humana e histórica e conduz à permanente conversão de "eu" ao "nós", do "para mim" ao "para ti". Enfim, a comunidade religiosa é uma comunidade que tem no reino de Deus, vale dizer, no serviço aos oprimidos, a sua origem e a sua meta.

A missão é um elemento essencial e irrenunciável de toda e qualquer forma de Vida Consagrada.

Como uma pequena luz numa pluralidade de caminhos (cf. Mt 5,14)

A missão é um elemento essencial e irrenunciável de toda e qualquer forma de Vida

Consagrada. A resposta ao chamado de Jesus Cristo, ademais de conduzir uma relação íntima e pessoal com ele, leva necessariamente à participação na sua missão. A vocação desemboca sempre na missão, o discipulado conduz ao apostolado.

Neste tempo em que os espaços se transformam permanentemente, tanto na sua materialidade como no sentido que se lhes atribui, a Vida Consagrada também se interroga sobre a *forma mais adequada de realizar sua missão* e sobre *o sentido daquilo que vem fazendo*. E vai percebendo que talvez tenha passado o tempo em que ela podia ser um grande farol que iluminava as grandes rotas por onde a humanidade encontraria vida, um agente poderoso da transformação ou conservação das forças históricas. Mais humilde e mais realista, a Vida Consagrada percebe hoje sua condição de *minoria abraâmica*, de pequena luz que sinaliza uma presença que almeja ser *um caminho* ao lado de *outros caminhos* igualmente válidos e fecundos.

Compartilhar e encarnar na história a paixão de Cristo por Deus e pela humanidade: eis como o Congresso Internacional da Vida Consagrada, recentemente realizado, entendeu a missão da Vida Consagrada no início deste novo milênio. E isso conduz a vida religiosa a *descer*, como o samaritano bom, pelo *caminho do Cristo Servo* ao encontro dos oprimidos e desvalidos para, com a vida feita dom, lavar-lhes os pés, enxugar-lhes as lágrimas, multiplicar-lhes o pão, despertá-los para um outro mundo possível e necessário. Isso significa se aproximar prioritariamente das "ovelhas perdidas", ou seja, as pessoas e grupos humanos que estão em situação de vulnerabilidade.

A Vida Consagrada existe para proclamar com todas as forças e meios que os cristãos são chamados a se dedicar em caráter absoluto a Jesus Cristo e aos pobres nos quais ele vive (cf. VC 84).

Se levarmos em consideração que a cultura atual tende a valorizar a indivíduo fechado em si mesmo, a propor a indiferença como regra de vida e a competição como caminho de sucesso, a vida cristã da qual a Vida Consagrada pretende ser sinal adquire um caráter claramente profético, em termos de denúncia, anúncio e prenúncio. A Vida Consagrada existe para proclamar com todas as forças e meios que os cristãos são chamados a se dedicar em caráter absoluto a Jesus Cristo e aos pobres nos quais ele vive (cf. VC 84). E nada pode ser colocado acima disso, nem a fidelidade à instituição eclesiástica, nem o medo de perder a vida.

A grande Cecília Meireles expressa isso de forma poética: "Não te aflijas com a pétala que voa: / também é ser, deixar de ser assim. / Rosas verás, só de cinza franzida, / mortas intactas pelo teu jardim. / Eu deixo aroma até nos meus espinhos, / ao longe o vento vai falando em mim. / E por perder-me é que me vão lembrando, / por desfolhar-me é que não tenho fim."

Entrando por este caminho e perseverando nele, a Vida Consagrada descobrirá com alegria que não está sozinha. Há uma pluralidade imensa de movimentos, grupos e pessoas que cooperam na mesma obra de modos diferentes. Pouco importa então, se sua luz é pequena; mais importantes são as muitas pequenas luzes que sinalizam um cortejo, demarcam um caminho e vão recuperando humilde e eficazmente o brilho que a humanidade arrisca perder.

Testemunhas eloqüentes de uma humanidade reconciliada (cf. VC 73)

A história das religiões testemunha a presença de formas de Vida Consagrada, mais ou menos organizadas, para além dos estreitos limites do catolicismo e do cristianismo: nas tradições protestantes, no catolicismo ortodoxo, no budismo, etc. Este fenômeno pode nos ajudar a compreender de uma forma mais ampla a intuição e o sonho que desperta e anima a Vida Consagrada na tradição do cristianismo católico.

Poderíamos dizer que, junto com o horizonte místico que a faz depender de uma relação especial com a Divindade e a ela se dedicar com exclusividade, a Vida Consagrada tem também um horizonte antropológico: é um projeto e um *caminho para uma humanidade reconciliada* e plena (cf. VC 73), ou seja, simplesmente *um caminho para ser plenamente homem ou mulher.* Assim, o que a Vida Consagrada revela e quer revelar é, *mutatis mutandis*, um caminho válido para todo ser humano alcançar sua plenitude.

Para o cristianismo, o que o ser humano, criado homem e mulher, é chamado e deseja ser se tornou palpável em Jesus de Nazaré. Ele é o ponto de chegada do caminho para ser humano, ele "manifesta plenamente o Homem ao próprio Homem" (cf. GS 22). E essa humanidade que alcançou sua máxima plenitude na história se expressa em vários aspectos: na própria *vulnerabilidade* assumida como condição humana no mundo; na *liberdade* radical em relação a tudo e a todos, inclusive à necessidade de salvar a própria vida; na incondicionada *gratuidade* que sustenta a doação total de si pelos outros; na inconfundível *amizade* que possibilita refazer o tecido social; na serena e ativa *solidariedade* com as pessoas que são consideradas e tratadas como últimas.

Jesus de Nazaré, que nós aclamamos e proclamamos como Ungido e Filho de Deus, alcançou tal grau de humanidade fazendo-se um de nós, por nós e conosco. Ele não desejou outra coisa senão ser reconhecido e acolhido como *filho da humanidade* (ou "filho do Homem"), como a imagem segundo a qual nós somos criados. Por isso, a escritura diz que ele não tem vergonha de nos reconhecer como seus irmãos (cf. Hb 2,12). Na manhã da ressurreição ele pede a Madalena: "Vai procurar os *meus irmãos* e diga a eles que eu subo para o *pai* de vocês e *meu Pai...*" (cf. Jo 20,17).

É preciso tornar-se Irmã ou Irmão, num projeto dinâmico, numa caminhada que nunca termina de começar.

Eis aqui o tesouro, tão precioso quanto esquecido: consagramos nossa vida com o desejo profundo e explícito de chegarmos à maturidade como homens ou mulheres, para desenvolver a figura do *Irmão* e da *Irmã*, com sentido e peso maiúsculos! O ser humano maduro e realizado não é o pai ou a mãe, o patrão ou a patroa, o senhor ou a senhora, o padre ou a madre! Jesus deixou isso muito claro, e uma nuvem de testemunhas o confirma na rica história da Vida Consagrada. A nossa grande tentação é pensar que *somos* Irmão ou Irmã de forma automática, pelo simples fato de termos professado os votos numa instituição. É preciso *tornar-se* Irmã ou Irmão, num projeto dinâmico, numa caminhada que nunca termina de começar. E começa sempre pela renúncia à tentação das relações

de dominação e apropriação, pela ruptura do fechamento e da indiferença, pela acolhida da diferença e da alteridade como um precioso valor que enriquece e desinstala.

Um dos grandes e apaixonantes desafios que a Vida Consagrada é chamada a responder nos tempos atuais é este: *desenhar com a vida um itinerário que leve as pessoas sedentas de humanidade e plenitude a permanecerem nessa busca.* Assim, a Vida Consagrada se descobrirá uma *escola de humanidade*, uma escola na qual mesmo aqueles/as que ensinam permanecem sempre aprendizes. Cada ser humano carrega em si e atualiza na relação com os outros a dinâmica do mestre, do discípulo e do caminho.

Diga a esta geração: avance! (cf. Ex 14,15)

Tudo isso seria apenas poesia escapista e irresponsável? Comecei esta meditação lembrando que é preciso sonhar a Vida Consagrada, pois vivê-la como ela se apresenta cotidianamente é uma tarefa demasiadamente pesada e sem sabor. Entretanto, partindo do sonho de uma Vida Consagrada igual e criativamente fiel ao caminho de Jesus Cristo, à intuição dos fundadores e fundadoras e aos desafios e possibilidades do tempo atual, precisamos pôr o pé na estrada.

O Irmão Afonso Murad repete com insistência e razão que "o profetismo sem gestão é inconseqüente, pois não cria a necessária ponte entre o sonho estruturante e suas realizações parciais." É preciso conjugar o sonho do poeta que imagina o jardim e a disciplina do jardineiro que transforma o terreno baldio em terra florida. Cantando a travessia, condição do ser humano na história, Milton Nascimento nos convida: "Vou querer amar de novo, e se não der, não vou sofrer. Já não sonho, *hoje faço*, com meus braços, meu viver!" É preciso avançar mar adentro, caminho afora. E o tempo da graça é *Hoje*, a terra sagrada é *Aqui*!

Pe. Itacir Brassiano, MSF. Teólogo e membro da Diretoria Nacional no triênio 2004-2007.

Endereço do autor:
Via Salette, s/n
Caixa Postal 188
98800-970 Santo Ângelo – RS
E-mail: ibrassiani@terra.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - Como o apelo a *avançar* contido no artigo interpela a sua comunidade?
2 - Qual o lugar que jesus cristo ocupa na sua compreensão de vida religiosa?
3 - Você considera a utopia – a capacidade de sonhar – importante para o dinamismo da vida religiosa hoje? Porque?

A realidade do poder na formação inicial[1]

PATRICIA VILLARROEL, SS.CC.

Introdução

No complexo mundo das relações humanas podemos reconhecer as formas de influência que, consciente ou inconscientemente, exercemos uns sobre os outros. Esta influência é uma forma de poder que nos permite, às vezes, expressar a opinião ou realizar a ação que queremos. Todos, uns mais outros menos, temos estas cotas de poder. Todos, de alguma maneira e dependendo do ambiente em que nos encontramos, podemos influenciar alguém, sendo que o maior problema é a nossa falta de consciência da dinâmica que se produz com esta influência, e o desconhecimento de suas conseqüências.

Diversas são as bases deste poder. A idade, a educação, o conhecimento, a personalidade, a responsabilidade ou o cargo que alguém ocupa... estão na raiz de nossas influências. O desenvolvimento das relações entre as pessoas envolvidas, que pode ser de submissão, de dependência ou de colaboração e ajuda, depende da forma que essas ditas influências tomam.

Em todas as instituições há estruturas de poder. Trata-se de autoridades legítimas que são necessárias para o bom funcionamento das mesmas e para se conseguir os objetivos propostos. Respondem a uma dada organização e são regulamentadas por normas que lhes dão um caráter oficial, conhecido por todos, e, de certa forma, aceito por todos. Porém em qualquer grupo humano há relações de influência menos formais. Essa influência opera um poder menos explícito, e até menos consciente, que intervêm nas opiniões e nas ações das pessoas, podendo, às vezes, deixar-lhes um certo grau de liberdade. Por isso, diremos que o poder não é nem mau nem bom em si mesmo, porém que a utilização que fazemos dele, a maneira com que o exercemos, pode ter diferentes significados: se favorece a vida dos demais ou se a empobrece, se ajuda ao crescimento das pessoas e dos grupos, ou se oprime a uns, menospreza a outros, e é fonte de privilégios e desigualdades. Então o que é realmente importante é assumir a realidade que sempre existe entre nós, para que cada um chegue a administrar adequadamente o poder de que dispõe em função dos valores e princípios que quer viver.

Na vida consagrada há um poder formal, determinado pela obediência religiosa, e que tem a ver com a liderança de que todas as instituições precisam. Seu conteúdo profundo é a obediência à vontade de Deus, que tem sempre mediações humanas: a comunidade, o superior ou a superiora, a reunião de capítulo, etc. Esta forma de poder é regulamentada pela prática do discernimento e pela dinâmica comunitária que tem seus próprios mecanismos de avaliação.

Como em todo grupo humano, porém, existe também um poder mais velado e, às vezes, não menor que é a influência que exercemos uns sobre os outros na vida mais cotidiana, e

[1] Traduzido da Revista Testimonio n. 222, julho-agosto 2007, pp. 60-70.

que marca significativamente as relações interpessoais, para bem ou para mal.

Analisar nosso estilo de poder, as motivações que existem por detrás, e suas conseqüências em nós, torna-nos mais lúcidos e mais conscientes de nossos atos, o que pode ajudar a melhorar as relações fraternas e a maneira que temos de nos aproximar dos outros.

A formação inicial, como processo de crescimento humano e religioso, deve atender a isto e ajudar-nos a descobrir as tendências que estão por detrás do nosso estilo de influenciar os outros, a reconhecer os mecanismos que usamos para isto, e a dar-nos algumas chaves para viver o poder de maneira evangélica, humanizadora, libertadora. Aí entra em jogo não somente a qualidade da vida comunitária que compartilhamos, mas também a nossa maneira de nos colocar diante dos outros, na Igreja e fora dela. Afeta, portanto, diretamente a nossa vida e a nossa missão como religiosas e religiosos.

I. Poder: Questão de relações humanas

Uma das características da vida religiosa que toca a própria essência do chamado vocacional, é a diversidade de seus membros[2]. Entre as irmãs e os irmãos de cada instituto há uma grande variedade de procedência, de idade, de nível de educação, de personalidade, etc., de modo que as comunidades religiosas sempre são compostas por pessoas muito diferentes entre si que foram *convocadas* para viver juntas em função da missão própria do instituto, porém, que foram *pegas* em lugares muito diferentes da sociedade. Esta diversidade é uma riqueza da vida religiosa, porém também traz consigo desafios especiais para as relações inter-pessoais. A vida consagrada não fica fora das dificuldades de relações entre as pessoas e muitas delas têm sua raiz no poder que exercemos, ou tentamos exercer uns sobre os outros, a partir dos nossos preconceitos, feridas e frustrações, a partir dos nossos diferentes modos de ser.

Analisar nosso estilo de poder, as motivações que existem por detrás, e suas conseqüências em nós, torna-nos mais lúcidos e mais conscientes de nossos atos, o que pode ajudar a melhorar as relações fraternas e a maneira que temos de nos aproximar dos outros.

Podemos distinguir em diversas circunstâncias as tendências, as motivações e os estilos de poder que exercemos. Momentos privilegiados são as relações com as pessoas durante as experiências pastorais, a vida fraterna na comunidade e a maneira de nos relacionarmos com a autoridade, ou com o formador ou a formadora, nas etapas da nossa formação inicial.

[2] O evangelista Marcos diz que quando Jesus chamou os apóstolos, "chamou aqueles que quis" (3,13). Este texto se refere aos apóstolos, porém pode ser aplicado também, de modo mais particular, a qualquer chamado vocacional. Aponta para a gratuidade de todo chamado à vida cristã e à liberdade de Deus quando chama para uma determinada missão.

1. No trabalho pastoral

Não vão longe os tempos em que ser religioso ou religiosa supunha privilégios na Igreja e na sociedade civil, incluindo a vida pública. Atualmente isto diminuiu, mas nas comunidades cristãs somos, muitas vezes, tratados com deferências especiais. Ainda mais nas nossas instituições, onde, além da nossa condição religiosa, somos os patrões, os chefes, ou os diretores. Os privilégios têm a ver com o poder que exercemos direta ou indiretamente e nos colocam acima dos outros, eximem-nos de certos compromissos e nos dão vantagens. Tudo isso nos torna influentes, porque nossa opinião às vezes é uma ordem outras vezes uma idéia mais autorizada ou uma proposta mais qualificada.

Os jovens entram para a vida religiosa com seus potenciais pessoais e com grandes ideais para a vida comunitária. Trazem, porém, também suas fragilidades, como é normal, e começam logo a descobrir os aspectos mais difíceis da vida em comum.

Desde o início da formação os jovens vivem esta realidade. Eles são vistos pelo povo como religiosos e religiosas, por isso gozam das mesmas prerrogativas que os mais velhos e, como todos, podem acolher e abusar do poder que lhes é entregue ou, então, reconhecer essa influência e orientá-la para a comunhão e o crescimento de todos, promovendo a igualdade da condição humana. É evidente que aqui entra em jogo a personalidade de cada um, sua história de carências e frustrações, ou suas experiências de aceitação e estímulo, seus desejos mais ocultos, suas aspirações não confessadas, seus ideais e princípios, etc.

Às vezes encontramos irmãs ou irmãos muito jovens que se apresentam diante dos leigos com atitudes dominadoras e autoritárias. Que são até um pouco agressivos na sua relação com as pessoas, ostentando a própria autoridade, mandando mais do que lhes é permitido e revelando grandes dificuldades para o trabalho em equipe e a relação entre iguais, como se a vida consagrada lhes desse uma certa dignidade que os coloca acima dos demais.

Outros, mais simples, sabem estabelecer relações de igualdade, sabem compartilhar suas responsabilidades e trabalhar com os outros, e vivem sua cota de influência colocando-a a serviço das pessoas, da promoção humana e da comunhão.

2. Na vida comunitária

Os jovens entram para a vida religiosa com seus potenciais pessoais e com grandes ideais para a vida comunitária. Trazem, porém, também suas fragilidades, como é normal, e começam logo a descobrir os aspectos mais difíceis da vida em comum. A fraternidade é construída a partir do que cada um é e requer uma aprendizagem que passa por assumir as irmãs e os irmãos como tais, com suas fraquezas e debilidades, e com suas riquezas e qualidades. Neste caminho vamos nos tornando mutuamente responsáveis pelo nosso desenvolvimento pessoal.

A relação com os iguais é, talvez, a experiência mais formativa no crescimento das pessoas. É aí que os jovens em formação são mais espontâneos e autênticos. E aí afloram mais facilmente suas lideranças naturais, com o que isso tem de positivo e também de negativo.

A comunidade entrelaça nossas vidas: são tomadas decisões para todos, projeta-se e se age juntos, partilha-se e se avalia o que foi vivido, dá-se conta aos demais, etc. Então surgem facilmente formas de poder ou influências que, insinuadas nas relações interpessoais, vão fazendo a vida da comunidade de formação.

Em muitos momentos e de diferentes maneiras, os jovens se influenciam uns aos outros. Alguns são mais persuasivos e buscam razões para convencer os demais. Aí aparecem as personalidades mais racionais, mais competitivas ou apaixonadas, e também são conhecidos os que nunca querem ou não sabem perder... Outros são mais impositivos e têm mecanismos diversos para impor seus desejos, suas posturas e suas idéias. Um pouco mais agressivos ou de personalidades mais fortes, sabem fazer com que os mais tímidos e inseguros se unam aos seus propósitos. Há também os mais fechados, os mais medrosos ou menos dispostos ao diálogo, os resistentes a saírem de seus esquemas para enfrentar a novidade e a diferença. Estes, às vezes, influenciam com uma espécie de chantagem que intimida porque ameaça acordos grupais e a comunhão.

Encontramos também os mais entusiastas, os que contagiam com a própria vida e com o modo como apresentam as suas idéias. Estes arrastam os outros com seu entusiasmo e vitalidade. São os verdadeiros motivadores porque movem os outros, estimulando-os com seu próprio dinamismo e garra de viver.

3. Na relação com a autoridade

A relação com a autoridade deixa, muitas vezes, a descoberto os conflitos mais importantes de uma pessoa. Aí se refletem as relações que tivemos com o pai e a mãe na infância e que tanto marcaram nossa atual maneira de ser. Podemos revelar experiências de abandono e desamparo, de violência e maus tratos, ou de carinho, respeito e preocupação na maneira como nos aproximamos da autoridade e no tipo de relação que buscamos ou temos com ela.

É freqüente que os jovens confessem neste tempo que o mais difícil na vida religiosa é a tensão entre a obediência e a autonomia. Uns porque têm uma péssima idéia de autoridade, a quem temem ou não valorizam e lhes custa entrar no esquema de uma obediência fraterna, de uma autoridade próxima que está a serviço da comunhão. São os que desconfiam, que se sentem vigiados e que são capazes de fazer coisas às escondidas, até mesmo criando cumplicidade com os companheiros para se protegerem.

A relação com a autoridade deixa, muitas vezes, a descoberto os conflitos mais importantes de uma pessoa.

Outros se acostumaram a uma autonomia tal que lhes custa viver relações inter-dependentes. Não lhes resulta natural contar com os demais para tomar suas decisões, nem pensar na comunidade antes deles próprios, ou prestar contas ao formador ou à formadora sobre certas atividades. Eles assumem compromissos sem consultar ninguém, facilmente faltam a um compromisso comunitário para ir a uma reunião que julgam mais importante e enfrentam a autoridade para defender sua autonomia e sua total independência.

Para outros, ao invés, é muito fácil obedecer – ou demasiado cômodo não assumir responsabilidades? São os que perguntam o que devem fazer, questionam pouco e estão sempre dispostos a fazer o que lhes é dito. Querem agradar o formador ou a formadora, para se sentirem seguros, aceitos, queridos. Sentem-se à vontade com um estilo de autoridade forte, com uma estrutura com muitas regras ou com um modelo de corte paternalista. São os que, de fato, buscam no formador ou na formadora um pai ou uma mãe, mais que um irmão ou uma irmã que os acompanhe.

Todo mundo é diferente em tendências, atitudes e comportamentos. A formação inicial estará respondendo adequadamente se suscitar nos jovens as disposições para uma obediência libertadora, para uma relação saudável com a autoridade e para uma autonomia adulta que não descarte a corresponsabilidade da vida comunitária.

Na relação com Jesus Cristo aprendemos a ser autênticos discípulos e discípulas porque aprendemos, com a sua humanidade, a ser humanos, e com a sua divindade, a ser filhos do Pai comum.

II.0 Poder de Jesus: A *Kénosis*

No caminho do seguimento de Jesus – recorda-nos o último congresso da vida consagrada –, ele mesmo, como Mestre, "vai nos configurando a sua imagem e semelhança"[3]. A formação para a vida religiosa, como toda a formação ou educação cristã, procura nossa *configuração a Cristo*. O processo formativo tende a isso por definição e seus programas e experiências se inscrevem no "modelo do Filho, de uma pessoa viva, de seus sentimentos e desejos, de sua forma de viver e de sua coragem de morrer"[4]. Na relação com Jesus Cristo aprendemos a ser autênticos discípulos e discípulas porque aprendemos, com a sua humanidade, a ser humanos, e com a sua divindade, a ser filhos do Pai comum. Sua maneira de exercer o poder é a chave que temos para aprender a viver nossas formas de influência. E, contemplando seu estilo e seus métodos, deixamo-nos interpelar e conduzir por ele.

Jesus não se afirmou no poder para viver a sua missão. Ele não pertenceu a nenhuma das estruturas de poder do seu tempo, nem se vinculou aos grupos dos poderosos, senão através das críticas e discussões que o levaram à morte. Os evangelhos mostram o *poder* como uma das tentações que Jesus enfrentou no deserto[5], e nos apresentam o próprio Jesus criticando duramente os chefes das nações e os poderosos, porque "as dominam como senhores absolutos e [...] as oprimem com seu poder"[6]. Ele convida os discípulos a agir de modo diferente:

[3] Pasión por Cristo, Pasión por la humanidad, Congreso Internacional de la Vida Consagrada, Roma, Noviembre 2004, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2005, p. 357.

[4] Amedeo Cencini, Los sentimientos del Hijo, Itinerario Formativo en la vida consagrada, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2003, p. 37.

[5] Lc 4,6.

[6] Mc 10,42.

quem quiser ser o primeiro, faça-se o menor[7], e dá exemplo desta nova forma de poder, estando entre eles "como aquele que serve"[8].

Jesus faz de sua prática do poder um verdadeiro exercício de autoridade[9]. Autoridade que lhe vem do seu estilo de relação, de sua pedagogia para ensinar e de seu modo de se aproximar de todos. Autoridade que está marcada pela *kénosis* da encarnação. Ele que, "sendo de natureza divina não considerou avidamente o seu ser igual a Deus, mas se despojou a si mesmo tomando a condição de servo"[10], percorreu o caminho do aniquilamento, humilhou-se tudo o que era possível porque, sendo Deus, se fez servo. Suas atitudes têm então o selo da *kénosis*.

Jesus convida, chama, propõe, oferece sua mensagem..., e espera e confia.

Jesus fala com autoridade, porém não se impõe, não obriga, não força... Ele respeita incondicionalmente a liberdade do outro. Com Ele se pode sempre optar.

Jesus fala com autoridade, porém não se impõe, não obriga, não força... Ele respeita incondicionalmente a liberdade do outro.

Jesus não intimida, não acusa, não utiliza o medo nem a ameaça, nem o castigo. Ele deixa que cada um faça sua escolha sem pressões nem condicionamentos.

Jesus abre horizontes, ilumina realidades, aclara as compreensões, explica... Sua atitude é convincente, persuasiva, motivadora e, por isso, sua influência atinge profundamente e faz mudar a vida, nascer de novo... Ele aposta sempre na responsabilidade pessoal, na decisão livre, na iniciativa de cada um, na conversão interior. Situa-se em todo momento a partir de baixo como quem serve, como quem não repreende, como quem não impõe, como quem não tem poder.

Repreende os demônios. Dá-lhes ordens, é exigente com eles e os submete, porque oprimem as pessoas, escravizam-nas e degradam-nas. Jesus não aceita a forma de poder deles porque é contrária ao reinado de Deus que proclama. Combate essa forma de poder porque desumaniza, não permite o crescimento, inibe a liberdade. A chave de Jesus é outra: a *kénosis*, o abaixamento, o *não-poder*...

Jesus influencia muitos, certamente. Através do convite, do respeito irrestrito, da persuasão, dirige-se sempre à liberdade das pessoas, a sua conversão profunda, a suas decisões próprias. Seu poder, assim vivido, é libertador, promove e humaniza. É, de fato, gerador de vida e comunhão.

III. A formação inicial e o poder

Uma tarefa prioritária da formação para a vida consagrada é encaminhar os jovens à maturidade humana. Não é possível desenvolver uma identidade vocacional clara, nem se construir uma espiritualidade madura sem ter alcançado um mínimo de crescimento humano,

[7] Lc 22,26.
[8] Lc 22,27.
[9] Mt 7,29.
[10] Fil 2,6.

um autoconhecimento adequado e uma boa administração das forças e fraquezas pessoais. Isto implica, na maioria dos casos, um amplo processo de verdade sobre si mesmo para desentranhar e curar as feridas, reelaborar situações passadas, aceitar e assumir experiências, histórias, realidades, etc. Aí se esconde, quase sempre, a raiz das motivações equivocadas, dos desejos inconscientes, das atitudes e comportamentos inconsistentes.

Nossas formas de influenciar, de mandar ou de impor têm a ver com a maturidade que atingimos, com a capacidade que temos de ser donos dos nossos atos. Todo processo de crescimento supõe um trabalho individual, experiências próprias, grupos de confronto, tempos de reflexão e meditação e o acompanhamento de pessoas mais experientes. A formação para a vida religiosa prevê um tempo longo para isso, e tem as estruturas adequadas para que cada jovem vá evangelizando seus comportamentos, purificando suas motivações, tornando-se mais livre, mais maduro e mais dono de si mesmo.

Este crescimento humano, unido ao desenvolvimento religioso e espiritual, vai formando adultos na fé, discípulos de Jesus Cristo capazes de consagrar sua vida a Deus em uma comunidade religiosa. O modelo da *kénosis* de Jesus nos sugere algumas pistas: formar membros do povo de Deus, irmãs e irmãos dos outros, dentro de uma experiência em que os "superiores" não são superiores.

Nossa fé cristã nasce no seio do povo e todos somos chamados a nos tornarmos solidários com a sorte desse povo. Devemos insistir nisso.

1. Membros do povo de Deus

Nossa fé cristã nasce no seio do povo e todos somos chamados a nos tornarmos solidários com a sorte desse povo. Devemos insistir nisso. Antes que qualquer função, responsabilidade ou cargo, antes de qualquer vocação específica ou serviço particular, somos parte de uma comunidade humana, do povo de Deus, da Igreja. Fazer-nos um com os outros é nossa primeira vocação. João sublinha isto com insistência no seu evangelho, quando apresenta o último discurso de Jesus na ceia final[11].

É imprescindível desenvolver este sentido de unidade e pertença para que nossas influências sejam um meio de evangelização real e vivamos nossas cotas de poder como um serviço. Todo sentimento de superioridade neste sentido é suspeito. As tendências a se sobressair do grupo, e os desejos de estar acima dos demais, escondem inseguranças e medos, más experiências ou frustrações que é preciso sanar para se poder estar bem com os outros no estilo de Jesus.

Quem mais pode nos ajudar nessa tarefa são os pobres, os sem poder, os excluídos... A formação para a vida religiosa que se insere entre eles e que conta com eles para o crescimento de seus jovens tem um fator de formação adicional: os pobres nos evangelizam. Despertam em nós as atitudes mais próprias ao Evangelho: a abertura a Deus, a atitude de filhos, a solidariedade, a misericórdia, a sede de justiça. Quando partilhamos as angústias dos

[11] Jo 17.

outros rejeitados, suas lutas e suas esperanças, eles vão conquistando nosso coração para esta relação horizontal de fraternidade e colaboração sem a qual não há comunhão possível.

2. *Irmãs e irmãos dos outros*

Sabemos que somos todos irmãs e irmãos, porém isto não é tão evidente na vida prática. Hoje não existem mais famílias numerosas, onde muitos irmãos compartilham, forçosamente, o pão, o quarto, a roupa e os livros de escola. Nossa sociedade pós-moderna é mais individualista e menos solidária, e nós com ela. Os jovens de hoje não têm muitos irmãos e, quando entram para a vida religiosa, também não querem muitos companheiros. A formação inicial deve considerar este aspecto fundamental do crescimento religioso, porque é preciso desenvolver o espírito de fraternidade na experiência e partilhá-lo a cada dia.

Isto explica, sem dúvida, a existência de noviciados inter-provinciais e de casas de estudantes que agrupam jovens de diferentes países. A necessidade de que os jovens se formem junto com outros para desenvolver a dimensão fraterna nos tem obrigado a nos abrir a outros países e a buscar colaboração. Isto, porém, significa um esforço especial, que nem sempre podemos fazer.

Nossa sociedade pós-moderna é mais individualista e menos solidária, e nós com ela. Os jovens de hoje não têm muitos irmãos e, quando entram para a vida religiosa, também não querem muitos companheiros.

Também nos ajudam os centros de estudo intercongregacionais, os encontros de jovens em formação, e todas as instâncias que reúnem jovens que estão começando a viver a experiência de fraternidade nas comunidades religiosas. Esta é uma resposta às relações de competitividade, sedução e dominação que encontramos freqüentemente em diversos ambientes da sociedade, e um sinal de comunhão verdadeira. São experiências que podem ser reforçadas toda vez que reconhecemos nelas condições para suscitar o espírito fraterno.

3. *"Superiores" que não são superiores*

A palavra "superior", tão própria da vida consagrada, nos ajuda pouco para falarmos da *kénosis* de Jesus. Muitas tentativas foram feitas aqui e ali para eliminá-la do nosso léxico. O fato é que continua sendo a palavra "oficial" para se referir à autoridade legítima, e as alternativas de mudança que se experimentaram ou não são muito apropriadas nem suficientemente universais ou, de fato, não são melhores. Elas expressam, sem dúvida, as mudanças que as relações da autoridade com as irmãs e irmãos das comunidades religiosas sofreram.

Co-existem atualmente diversos modelos de "superior" ou "superiora" e nem todos refletem o estilo de Jesus. O modo dialogante, persuasivo e respeitoso que era seu, é certamente uma grande ajuda na formação dos jovens. Se alguma vez se aplica perfeitamente o provérbio que diz que *apagamos com o cotovelo o que escrevemos com as mãos*, é justamente na educação e na formação das pessoas. Não formamos membros do povo de Deus senão dentro de uma experiência de Igreja-comunhão. Nem formamos irmãs e irmãos dos demais

senão dentro de comunidades fraternas onde irmãs e irmãos são co-responsáveis pela vida e pela missão. Só podemos pretender que os jovens assimilem a *kénosis* do Senhor se nós, formadores e formadoras, superiores de comunidades e obras, soubermos nos situar como servidores, como irmãs e irmãos que estão a serviço da vida e da comunhão, e que acompanham o caminhar dos outros respeitando a sua liberdade e promovendo a sua participação adulta nos seus processos de formação e crescimento.

A modo de conclusão

O credo que repetimos a cada domingo nos ensina que Deus é todo-poderoso. O povo de Israel viveu esta realidade em toda a sua dimensão: Javé combateu *com eles com braço forte e mão potente*. Quando chegou a plenitude dos tempos, o Filho de Deus, renunciando a seu poder divino, se fez nosso irmão. Este mistério da nossa fé é a chave para toda a nossa vida. Se nossas relações humanas se constroem a partir daqui, estamos participando do mistério, segundo o qual o primeiro é o último, o poderoso é o que serve, e a vida verdadeira surge na cruz. Toda a vida cristã dá testemunho deste mistério que é o modo de atuar de Deus na História.

Tradução: Aurea Marin Burocchi

Patricia Villarroel, SS.CC
é membro do Conselho de Redação da Revista Testimonio.

Endereço da autora:
Dieciocho 136
Casilla 9501
Santiago - Chile

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - Ao ler este artigo, quais as idéias que mais o enriquecem?
2 - É possível formar evangelicamente sem o esforço em se fazer irmão/a com a prática da vida diária?
3 - Que você espera de um/a superior/a na vida religiosa para que ele reflita o exemplo de Jesus?

Mútuas Relações entre Religiosos(as) e Leigos em Instituições Profissionais

Afonso Murad, FMS

Cada vez mais, consagrados(as) e leigos(as) estreitam relações à medida que a Vida Religiosa rompe seus próprios muros, participa da Igreja-comunidade e se empenha em projetos comuns de evangelização e promoção humana. Essa aproximação, como toda realidade humana, apresenta dificuldades e ambigüidades, que fazem parte da condição de ser peregrina no mundo. Que nome dar ao fenômeno?

1. Dos termos à questão central

Alguns utilizam o termo eclesiástico *"mútuas relações"*, que originalmente diz respeito ao contato entre a hierarquia da Igreja e os "superiores maiores", seus respectivos institutos, províncias e comunidades locais. Outros preferem a palavra *"parceria"* (do inglês "partnershipf"), que sinalizaria uma relação humanamente mais próxima e de efetiva colaboração, em vista realização de metas e ações coletivas.

Em alguns países e língua, "parceria" tem sido usada entre ONGs, entidades governamentais e privadas, associações e movimentos populares para definir várias formas de entreajuda, desde o auxílio econômico-financeiro até a divisão de tarefas e a potencialização de distintas especialidades. Há ainda os que usam a palavra *"cooperação"*. E, por fim, fala-se também em *"missão compartilhada"* (em espanhol: *compartidas*). Usaremos os termos *parceria, mútuas relações, cooperação e missão compartilhada* como sinônimas. Por se tratar de uma relação de aprendizagem recíproca, apontaremos o que ela traz de possibilidades para ambos os lados.

A cooperação entre religiosos(as) e leigos(as) acontece em diversas instâncias como a pastoral vocacional, a missão, a vida de comunidade, a formação e a iniciação à espiritualidade. Neste artigo, refletiremos somente sobre um aspecto: o da missão compartilhada em instituições formais de consagrados(as). É um assunto complicado, por isso mesmo necessita de compreensão. O âmbito da missão compartilhada é muito amplo. Há, no entanto uma distinção básica. Uma coisa é pensar e realizar a parceria de consagrados e leigos na ação pastoral da Igreja local, em comunidades inseridas e associações comunitárias, outra é fazê-lo numa instituição formal, animada e coordenada pelos religiosos(as), na qual eles(as) são proprietários e gestores. Até o conceito de "leigo" é diferente em cada contexto. E os graus de engajamento na missão, também.

No primeiro caso, leigos e consagrados participam juntos da missão evangelizadora em condições semelhantes, e estabelecem relações de igualdade e reciprocidade. "Igualdade" não significa nivelamento, mas sim reconhecimento da dignidade básica de todos os cristãos batizados. Por isso se fala também em reciprocidade: pessoas de diferentes estilos de vida partilham a missão, de forma que uns aprendem com os outros. No entanto,

quando se cultivam as "mútuas relações" numa instituição na qual um é o empregador e outro é o colaborador (ou empregado, contratado, trabalhador....), existe uma assimetria que deve ser levada em conta. Os vínculos são sobretudo de natureza profissional. Dependendo do tamanho e da complexidade da instituição, as relações hierárquicas, de poder e subordinação são tão rígidas, que parece impossível imaginar que haja "mútuas relações". Como então torná-las possível, sem ignorar os riscos que elas comportam?

Vejamos inicialmente qual foi o contexto que possibilitou a entrada dos leigos nas instituições de consagrados e que mudanças esta situação está a exigir.

... quando se cultivam as "mútuas relações" numa instituição na qual um é o empregador e outro é o colaborador (ou empregado, contratado, trabalhador....), existe uma assimetria que deve ser levada em conta.

2. A entrada dos profissionais leigos nas instituições dos consagrados

A grande maioria das congregações religiosas, até empreender a renovação do Vaticano II, configurava a missão nos limites das suas "obras" ou "iniciativas próprias", tais como escolas, internatos, hospitais, asilos, creches, pensionatos para moças, editoras, missão ad gentes, etc. Os institutos masculinos clericais atuavam ainda em paróquias, e seus membros por vezes se confundiam com o clero diocesano. Como as congregações tinham um grande contingente de vocações e alimentavam a idéia de proteção e "fuga do mundo", as *obras* eram geridas e mantidas praticamente pelos próprios membros. O grau de identificação da Vida Religiosa com suas instituições era impressionante. O(a) superior da comunidade religiosa era também o diretor da instituição. Todas as pessoas viviam para a instituição, que era identificada como a única expressão legítima do carisma do fundador. Nas obras educativas, por exemplo, os consagrados(as) realizavam a função de direção, assumiam cargos técnicos (secretaria, tesouraria, suprimentos), de execução (magistério) e de natureza operacional (cozinha, cantina, limpeza). Os poucos leigos que atuavam nas instituições religiosas faziam o que eles(as) não tinham condições de realizar. Desempenhavam papel de complementação e de suplência, independente de estarem no nível gerencial, técnico, executor ou operacional.

Ora, a situação se modificou rapidamente, em poucos anos. Aconteceu uma mudança social e cultural, que não foi fruto da vontade dos religiosos. A crise vocacional se abateu sobre as congregações de forma rápida e violenta, a partir da década de 60. Paralelamente, a concentração urbana provocou um súbito aumento de público nas instituições que estavam situadas em capitais e cidades de porte médio. Além disso, a crescente concorrência e a modernização da sociedade exigiu das instituições atualização técnica e maior profissionalismo. Assim, elas tiveram que adequar seu perfil. Por exemplo, escolas pequenas dobraram seu contingente em pouco tempo. Novos ventos pedagógicos e técnicos exigiram novos conhecimentos e habilidades das pessoas. Esse fato "pegou de

surpresa" os religiosos que não se atualizaram, e em conseqüência, ficaram rapidamente defasados.

Então, diminuição de vocações, aumento da "clientela" ou público-alvo, inovações técnicas e profissionais produziram um fenômeno imprevisível: instituições maiores, mais complexas e exigentes. E de repente, faltavam pessoas para múltiplas tarefas. Inicialmente, não foi muito difícil substituir religiosos por leigos na área operacional. Isso se tornou mais complicado à medida que implicava maior conhecimento e compromisso com a missão religiosa. Os muitos casos, os leigos contratados tinham até um perfil profissional igual ou melhor que os consagrados, mas lhes faltavam algumas características e atitudes relacionadas com o carisma fundacional. O fato é que, em poucos anos, um número significativo de profissionais leigos passa a atuar em instituições religiosas, em cargos cada vez mais importantes. E os consagrados tiveram dificuldade de compreender essa mudança.

Os religiosos(as) tendem a exigir dos leigos comportamentos semelhantes aos seus, por não compreender que têm diante de si pessoas com um estilo de vida diferente, com outras demandas. Um(a) consagrado não perde noites por causa de febre de crianças ou esperando o filho adolescente voltar das festas. É comum ouvir a reclamação de que os leigos trabalham visando ao dinheiro e que são pouco generosos para realizar tarefas fora de seu horário de trabalho. Um(a) leigo(a) que procurasse responder a todos os apelos de "generosidade" da instituição religiosa dificilmente conseguiria manter sua vida pessoal e familiar de forma estável e com qualidade. Pois ela tende a consumir grande parte de seu tempo e de suas energias. A exigência de "gratuidade total" é válida somente para os consagrados(as). E quem pertence a uma congregação religiosa sabe que esta característica não é comum a todos os seus membros...

Os religiosos(as) tendem a exigir dos leigos comportamentos semelhantes aos seus, por não compreender que têm diante de si pessoas com um estilo de vida diferente, com outras demandas.

3. Instituições formais e profissionalismo

Há uma mentalidade comum em instituições religiosas, segundo a qual o profissionalismo é algo frio e desumano. Trata-se de uma meia verdade. O que caracteriza uma instituição profissional não é o fato dela visar lucro ou ser inflexível com as pessoas. As empresas comerciais, aquelas que mais desenvolveram o senso profissional, são apenas *um tipo* de organização profissional da sociedade. ONGs, associações populares, cooperativas, grupos de sócio-economia solidária e instituições religiosas necessitam também de profissionalismo, em maior ou menor grau. E sobretudo, que esteja em coerência com sua identidade e missão.

Muitas instituições de religiosos(as) são também prestadoras de serviços e parcialmente estão "no mercado". Embora, pela legislação de alguns países, sejam classificadas como "filantrópicas" ou "do terceiro setor" e gozem de certos benefícios fiscais, não escapam de uma relação comercial básica. Ou seja, vendem um serviço. Uma escola privada presta serviços educativos,

um hospital privado oferece serviços na área da saúde. Ambos precisam de resultados, para assegurar sua sobrevivência. Não visam lucro, mas necessitam se profissionalizar para garantir o equilíbrio econômico-financeiro. Têm fornecedores e clientes (ou público alvo), concorrentes e parceiros. Para realizar sua finalidade, contratam uma série de profissionais e contraem obrigações sociais com eles.

É verdade também que várias instituições religiosas destinam uma parte significativa de pessoas e de recursos para atender aos empobrecidos. Para isso, servem-se de um percentual de seu resultado, ou ainda estabelecem parcerias com o poder público. Mesmo nestes casos, embora possam contar com voluntários generosos, necessitam também de profissionais competentes no seu quadro permanente.

Na sociedade atual, a crescente profissionalização das instituições é um fenômeno irreversível, ao mesmo tempo em que cresce a experiência do voluntariado. Então, os religiosos não podem considerar *inicialmente* os profissionais leigos, que são contratados para trabalhar em suas obras, como membros da família, amigos da turma ou co-irmãos e co-irmãs. Mas, muitos consagrados(as) que coordenam suas instituições ainda não mudaram de paradigma. Tratam os seus profissionais, chamados na linguagem civil de "empregados", "funcionários" ou "colaboradores", de maneira pouco profissional. A começar do processo de contratação, que é extremamente amador, baseado em indicações pouco consistentes, simpatia pessoal ou até em preferências familiares. Não desenham com clareza o perfil desejado e faltam critérios claros de desempenho. Assim, mantêm durante anos pessoas ineficazes em funções nevrálgicas, sem explicação aparente.

Na sociedade atual, a crescente profissionalização das instituições é um fenômeno irreversível, ao mesmo tempo em que cresce a experiência do voluntariado.

4. O que é uma instituição profissional

De forma breve, as características atuais de uma instituição profissional são as seguintes:

a) Estratégia. O exercício do pensamento estratégico comporta um longo caminho, que se inicia com a definição consensual da missão da instituição, os valores que a regem e o que ela deseja conquistar num prazo determinado (visão de futuro). A seguir, estabelecem-se as estratégias e as iniciativas que farão a mediação entre o sonho e a realização, nomeiam-se as pessoas responsáveis e definem-se os indicadores para avaliação. Ser estratégico postula uma ampla visão de sociedade, para compreender onde a instituição está inserida e como responde ou não às oportunidades e ameaças do momento. Ao mesmo tempo exige gerenciamento e liderança nos processos, e monitoramento dos passos dados.

b) Busca de resultados. As organizações mais complexas buscam resultados múltiplos, que estão relacionados ao tipo de iniciativa que as caracteriza e ao seu foco. Por exemplo, em uma escola, bons resultados significa, para um aluno: apropriação e reelaboração de conhecimentos, vivência de valores, aprender a conviver com os outros, desenvolvimento de competências cognitivas... E, sem dúvida, são necessários também resultados econômico-financeiros,

para assegurar a continuidade da organização. Ao avaliar uma atividade ou um processo, a instituição profissional reconhece o mérito das pessoas que alcançam os resultados almejados e as recompensa por isso. Em contrapartida, adverte e pune aqueles que não cumpriram seus compromissos, nem alcançaram resultados satisfatórios.

c) Qualificação e competências. Com as exigências crescentes na sociedade, as instituições necessitam de pessoas que sejam competentes naquilo que realizam. Dependendo do tipo de atividade, há profissionais generalistas e especialistas. O perfil desejado depende sobretudo da missão da organização e do seu posicionamento na sociedade. ONGs ambientalistas, por exemplo, buscarão profissionais que expliquem o que está acontecendo no nosso planeta e mobilizem pessoas em vista do mundo ecologicamente sustentável. Somente com profissionais qualificados se alcançam resultados satisfatórios.

Com as exigências crescentes na sociedade, as instituições necessitam de pessoas que sejam competentes naquilo que realizam.

d) Comunidade aprendente. A qualificação não é algo definitivo e acabado. O bom profissional está conectado com o mundo; seu olhar está voltado sobretudo ao seu público-alvo, no sentido de compreendê-lo mais e melhor, nos cambiantes cenários culturais. Ele(a) busca se atualizar com leituras, cursos e estimulantes experiências de vida. A instituição também investe no profissional, oferecendo oportunidades de aprimorar seus conhecimentos, ter acesso às novas tecnologias, novos métodos e processos eficazes. Mais ainda, a organização como um todo está em processo de aprendizagem. Reedita práticas e reelabora conhecimentos, a partir de conquistas próprias e dos outros. Ela se torna uma "comunidade aprendente", que é a base dos processos de inovação.

e) Qualidade do atendimento e do serviço prestado. Esta característica dispensa comentários. Cada vez mais as pessoas exigem produtos e serviços de qualidade. E a forma personalizada de fazê-los está se tornando um grande diferencial nas organizações.

f) Foco no público-alvo. Uma organização profissional existe para oferecer um *benefício*, reconhecido como tal pelo seu público-alvo, através de um produto ou de um serviço. Quando isso não acontece, o profissionalismo dá lugar ao corporativismo. Ou seja, vêem-se somente os interesses de pessoas e grupos e se luta por eles. Este tem sido, em todo mundo, o grande problema das organizações governamentais. Os políticos e os funcionários públicos não estão com o foco voltado para a população, mas para si próprios. O corporativismo é a perversão da finalidade da instituição. O foco no público-alvo, em suas necessidades e demandas, põe nos trilhos uma instituição.

g) Ética. Hoje se pergunta qual a contribuição de cada organização para a sociedade. Até as empresas comerciais falam de "responsabilidade socio-ambiental, mesmo que seja uma jogada de marketing, para agregar valor à sua marca. A ação das pessoas e das organizações não é algo neutro, mas tem repercussão na sociedade, para o bem ou para o mal. Não existe profissão eticamente neutra. Os profissionais e as instituições, em meio a ambigüidades, alinham-se a algum projeto de sociedade, e isso tem implicações éticas. Além disso, os fins só justificam os meios que são coerentes com ele. Por isso, ética diz respeito também ao "como se

faz", ao processo, não somente ao ideal. Além disso, há profissionais que têm acesso a informações privilegiadas, manipulam dados, lidam com relações de poder, e têm dinheiro nas mãos. Por isso, devem agir com honestidade e retidão.

5. Profissionalismo e amadorismo

O profissionalismo pode estar a serviço de causas maravilhosas ou questionáveis. Muitas empresas, ditas *comerciais* ou de *mercado*, utilizam o profissionalismo somente para visar o lucro e concentrar a riqueza em poucas mãos. Costumam estabelecer metas exigentes, regidas pela lei selvagem da concorrência de mercado, o que pode levar seus profissionais ao estresse, por não alcançar o que se estabeleceu. Mas isso não quer dizer que o profissionalismo seja algo ruim. Ao contrário. O reverso do profissionalismo é o amadorismo. E as organizações religiosas estão infestadas deste mal.

Amadorismo significa conduzir uma organização sem metas claras e desafios a alcançar, simplesmente repetindo, ano após o ano, o que se fez no passado. Amadorismo é contratar e manter pessoas na organização considerando somente suas presumíveis "boas intenções" e não levando em conta seu histórico profissional, o perfil desejado e uma análise de suas possíveis competências. Amadorismo é manter pessoas por anos a fio, sem avaliação de desempenho com critérios claros. Ignorar os resultados que elas demonstram efetivamente. Uma organização amadorista encara o fracasso e as crises como tragédia ou com passividade. Não reflete sobre o fato e nem aprende com ele. Evita identificar os responsáveis pelos erros cometidos, especialmente quando são pessoas próximas ao círculo do poder.

Em instituições religiosas amadoras, as necessárias mudanças podem sempre esperar um pouco mais, pois *paciência* se confunde com *complacência*. Medo e falta de ousadia são batizados como *prudência*. O corporativismo se desenvolve facilmente. Seus funcionários, especialmente as chefias, tendem a trabalhar de garantir a estabilidade no emprego, e não com o foco nos seus interlocutores, destinatários ou clientes. O corporativismo se reveste do manto hipócrita de pietismo. Funcionários incompetentes, que apresentam péssimos resultados, assumem a face de "católicos piedosos" e devotos do fundador(a), pois sabem que isso agrada aos religiosos.

Amadorismo significa conduzir uma organização sem metas claras e desafios a alcançar, simplesmente repetindo, ano após o ano, o que se fez no passado.

Parece ironia da história: nas décadas de 70 e 80 muitos institutos deixaram parte significativa de suas "obras" para se voltar aos pobres. Conscientemente abandonaram escolas, hospitais e pensionatos, em vista de uma opção mais evangélica. Hoje, um outro contingente fecha suas instituições, não por opção heróica, mas sim devido ao pouco profissionalismo.

Qual a contribuição dos consagrados, se querem manter algumas de suas iniciativas formais, por acreditar que elas (ainda) expressam o carisma? Em primeiro lugar, superar o amadorismo e seu discurso ideológico e perverso, o que está levando as instituições à morte lenta e gradual. A gestão profissional é

necessária para garantir a continuidade das organizações. Ela fundamenta a relação honesta e transparente com os colaboradores leigos. Mas por si só é insuficiente. Algumas instituições religiosas podem ter sucesso e serem infiéis ao Espírito. Não é qualquer proposta de gestão profissional que se coaduna com os carismas congregacionais.

A experiência do seguimento de Jesus, traduzida em espiritualidade encarnada e visão lúcida da realidade, postula "algo mais". A instituição religiosa não busca somente um tipo de resultado, e sim resultados múltiplos e simultâneos. Assim, uma escola católica visa evangelizar, educar, satisfazer seus destinatários, formar cidadãos, manter equilíbrio econômico-financeiro, ter uma boa imagem e contribuir efetivamente para uma sociedade sustentável e solidário. Além disso, a fé leva a desabsolutizar os conceitos de sucesso, fama, imagem e eficácia. Deve-se fazer o melhor, mas com a consciência e a humildade de que "se não é o Senhor que constrói a casa, é inútil o trabalho dos construtores e pedreiros" (Sl 127,1).

Uma instituição religiosa de prestação de serviços às vezes é jogada no circo romano do mercado competitivo, onde se degladiam feras vorazes. Mesmo que ela tenha que estar na luta, não fará do sucesso sua razão de ser. Nem utilizará todos os artifícios para vencer a concorrência. Se o "o tesouro e seu coração" estiverem no sucesso, no poder e no dinheiro, perderá a fidelidade ao evangelho. Será uma empresa a mais no mercado, mesmo que ostente uma marca religiosa.

6. A diferença que faz a diferença

Os profissionais leigos que trabalham ou trabalharão numa instituição religiosa, precisam demonstrar ao menos três coisas: conhecimentos, habilidades e atitudes. Conhecimento significa o domínio teórico de sua área de atuação. Habilidade quer dizer "saber fazer". Hoje, um profissional competente, especialmente nas áreas de execução e gestão, alia conhecimento e habilidade, saber e saber fazer. Mas só isso não basta. É necessário que o profissional leigo cultive valores e tenha posturas coerentes com a missão da instituição. Sua religiosidade pode ser até confusa ou débil. Mas precisa ter alguns valores de raiz, como transparência, honestidade, espírito de colaboração, e bondade são essenciais. E sobretudo, é necessária a disposição de ser aprendiz, de abrir-se ao novo e comungar com o "jeito de ser" da instituição religiosa.

Os profissionais leigos que trabalham ou trabalharão numa instituição religiosa, precisam demonstrar aos menos três coisas: conhecimentos, habilidades e atitudes.

Neste sentido, deve-se evitar contratar ou manter profissionais leigos "bonzinhos", "piedosos", mas que não demonstrem qualidade profissional suficiente para dar conta de seu trabalho. Outro equívoco, na direção oposta, consiste em ter bons profissionais sem valores humanos e cristãos condizentes com a identidade e a missão da organização religiosa. A solução consiste em formar profissionais (pois eles não estão prontos) que aliam competência com valores mais profundos e abertura ao transcendente.

Nesta relação, os religiosos(as) fazem a diferença, devida à experiência de fé e de caridade. Suas atitudes cotidianas chamam a atenção dos leigos. Testemunham a simplicidade, o desapego, a alegria, a dedicação, a gratuidade, o espírito de trabalho e o amor a Deus. Desenvolvem o clima de cordialidade, companheirismo e colaboração recíprocos. Tratam os funcionários operacionais mais pobres com respeito e dignidade. Nada disso fere as relações profissionais, mas sim as superam em muitos aspectos e as qualificam em tantos outros. O "jeito de ser consagrado" toca o coração das pessoas sensíveis.

Por fim, a grande contribuição dos consagrados consiste em testemunhar, anunciar e denunciar, em espírito profético. É uma tarefa difícil, pois toda instituição tende a viver em função de si mesma. E quando se sente questionada, tenta calar os profetas. Profetismo significa, neste contexto, ir além do mero sentimento de autoconservação da instituição. E conduzi-la para ações efetivas e duradouras, em vista de uma sociedade mais justa, solidária e ecologicamente sustentável. Sem isso, o profissionalismo é vazio, pois não serve à Missão.

7. Distinguir "profissional leigo" de "leigo engajado"

Não é correto considerar como "parceiro leigo", no sentido pleno do termo, a qualquer pessoa que trabalhe numa instituição religiosa. Muitas delas serão simplesmente profissionais que atuarão ali, cultivando valores humanos e cristãos, buscando a máxima coerência possível com a missão da instituição. Neste nível básico de colaboração, pede-se a coerência de conduta, atitudes afinadas com o carisma da congregação e aprimoramento da competência profissional.

Não é razoável exigir de **todos** os colaboradores leigos uma adesão heróica e total à "missão compartilhada", pois isso implica proximidade, partilha e até um certo grau de relação fraterna com os consagrados. É improvável conseguir isso de qualquer um, sobretudo quando há relações de poder muito fortes na instituição e ronda entre as pessoas o fantasma da possível perda do emprego. Muita gente pode forjar uma adesão ao carisma por conveniência, especialmente quando a instituição é coordenada por religiosos(as) vaidosos, inseguros ou autoritários.

Para alcançar um nível razoável de "mútuas relações" entre consagrados e leigos numa instituição religiosa formal, prestadora de serviços, devem-se articular de forma original a *gestão* com o *carisma*.

Para alcançar um nível razoável de "mútuas relações" entre consagrados e leigos numa instituição religiosa formal, prestadora de serviços, devem-se articular de forma original a *gestão* com o *carisma*. O jeito de administrar, de conduzir a instituição colocará "no mesmo prato", elementos que antes pareciam irreconciliáveis. Empreende-se uma gestão profissional, com valores cristãos. Buscam-se resultados com indicadores claros e processos de avaliação contínua, sem dúvida, aliados às relações saudáveis e à valorização das pessoas.

O que isso vai exigir dos religiosos? Para os que estão à frente de suas instituições requer-se o domínio mínimo de conhecimentos e habilidades da gestão profissional. Este é o gesto básico, que demonstra respeito à alteridade do profissional leigo. É absurdo quando um gestor religioso desconsidera a competência técnica do profissional leigo, por capricho ou desconhecimento. Um diretor(a) de escola católica, por exemplo, precisa estar atualizado sobre educação e gestão. Não necessita conhecer tudo em profundidade, mas sim ter uma visão geral. Somente assim poderá discernir a contribuição dos colaboradores e parceiros leigos.

A seguir, é necessário despender tempo, energia e recursos para oportunizar aos profissionais leigos o conhecimento da proposta cristã, para que se entusiasmem por ela. Além disso, criam meios para que os leigos conheçam e experimentem o carisma da congregação, no dia a dia. Como os consagrados são numericamente poucos, eles(as) serão *multiplicadores* do carisma no meio dos profissionais leigos, e visarão atingir de maneira especial os leigos engajados.

A formação e o acompanhamento cristão de profissionais leigos é uma tarefa bela e exigente. Poucos religiosos dão conta de realizá-la. Os leigos não querem repetidores da doutrina, mas pessoas que sejam referências para sua caminhada de fé. Eles(as) se fascinam com consagrados que levem a sério suas perguntas existenciais. Às vezes, não é necessário responder a todos seus questionamentos e dúvidas. Basta mostrar espírito de escuta e sinalizar uma trilha.

Os religiosos que tomam parte nesta tarefa conhecem de perto os desafios da vida dos leigos, suas dificuldades e o empenho de viver a fé no cotidiano, no meio do mundo. Então, aprendem muito com eles. Os leigos, por sua vez, passam a conhecer os consagrados mais de perto. Deixam cair preconceitos e visões estereotipadas. Impressionam-se com o testemunho de vida, a alegria e a simplicidade, especialmente dos religiosos de terceira idade. Entusiasmam-se com o entusiasmo e o idealismo dos jovens. Percebem que os consagrados são homens e mulheres normais, peregrinos na fé como eles, que fizeram uma escolha de vida diferente. É uma experiência de aprendizado recíproco. Seria interessante que alguns institutos promovessem juntos a formação cristã e o acompanhamento de profissionais leigos, de forma a potencializar pessoas e recursos.

8. Apaixonar-se pelo carisma

Com o tempo, vários profissionais passam a se identificar, de forma crescente, com o espírito e o carisma da instituição onde trabalham. Apreciam o clima relacional e o respeito às pessoas. Deixam-se tocar pelo testemunho dos consagrados. Como expressa um leigo que atua em escola religiosa de Irmãos: "Ingressei no colégio em 1994, vindo de atividades que nada tinham a ver com educação, ou seja, banco, indústria e serviço de segurança. Em todas, tinha atuado sempre nas áreas administrativa e financeira, perfazendo uma caminhada de 15 anos. Portanto, um tempo suficiente para entender seu funcionamento. Quando cheguei ao colégio, achava estranho o comportamento das pessoas. Elas eram muito livres no trato de seus pensamentos, sem ter aquela tradicional subordinação hierárquica rígida, que eu conhecia das empresas. As pessoas pareciam trabalhar mais alegres e confiantes umas nas outras. Com o passar do tempo, e conhecendo melhor a instituição como um todo, entendi a razão desta diferença, o modo como éramos tratados pelos Irmãos, com carinho. Eu poderia dizer até

"ternura", compreensão. E rigor, quando necessário, mas sem perder o respeito pela figura humana do funcionário" (Syllas Rodrigues).

Alguns leigos, que já têm prática cristã em paróquias, pastorais ou movimentos, se identificam cada vez mais com a congregação religiosa, e se alegram por encontrar um local no qual conciliam a vida de trabalho com os valores nos quais acreditam. Embora as empresas de mercado assumam cada vez mais a face de instituições humanizadas, na prática a mentalidade feroz do mercado domina suas opções e não é fácil encontrar um lugar onde de fato os *colaboradores* sejam considerados e valorizados como pessoas e se respira um clima humano estimulador. Então é comum encontrar leigos que afirmam: "Aqui é a minha segunda casa", "Eu sinto que é um prolongamento de minha família". Estes termos são metáforas. Na casa deles há intimidade, informalidade, espaços de lazer, liberdade para dispor das coisas e outra forma de lidar com o tempo, que não se encontram no ambiente de trabalho. Mas a metáfora quer dizer: "Aqui eu me sinto bem. O ambiente não é de estranhamento e competição, e sim de confiança e colaboração".

Alguns leigos, que já têm prática cristã em paróquias, pastorais ou movimentos, se identificam cada vez mais com a congregação religiosa, e se alegram por encontrar um local no qual conciliam a vida de trabalho com os valores nos quais acreditam.

Outros profissionais, que não eram cristãos engajados, na convivência com os consagrados, descobrem a face luminosa da fé cristã. Ao participar de encontros, palestras, dias de convivência, celebrações e outros eventos promovidos por eles(elas), descobrem Jesus e sua comunidade, a Igreja. Modificam seus hábitos e atitudes. Fazem um processo de conversão.

O passo seguinte para estreitar a relação entre consagrados e leigos consiste em oferecer oportunidades de aprofundar a fé, exercitar a ação voluntária (de preferência fora do lugar de trabalho) e conhecer mais o carisma. Várias atividades concorrem para esta finalidade, como encontros, retiros, cursos de formação, estágios missionários em localidades pobres, constituição e animação de grupos espontâneos, etc. Essa etapa contempla somente os leigos que manifestam um interesse explícito por um "mais". Não pode ser obrigatório. E tenha-se o cuidado em filtrar os profissionais bajuladores e falsos, que se fazem de "santinhos", para garantir a continuidade no emprego.

Neste nível da relação, os religiosos(as) oferecem aos seus colaboradores a oportunidade de conhecer Jesus, de fazer uma experiência de fé mais profunda, de mergulhar no carisma e, por fim, de experimentar sua opção profissional como uma forma de viver a vocação cristã de leigo. Com raras exceções, isso não se aplicará a todos os que trabalham ali, mas a um grupo menor, que se apaixona pelo Fundador(a), e se identifica com seu carisma.

Há ainda outro passo, mais ousado: a partilha da gestão. Implica renunciar a uma parcela do poder exercido pelos religiosos nas suas instituições e o correspondente empoderamento das lideranças e dos gestores leigos. Este processo deve ser realizado com cuidado, para que alcance resultados eficazes e duradouros. Uma "gestão participativa", com profissionais leigos competentes e sintonizados no carisma, permite à instituição religiosa estar mais arejada e

alcançar melhores resultados. Mas o principal benefício para a Vida Religiosa consiste em liberar vários consagrados(as) de tarefas de gerenciamento, que estão distantes do núcleo de sua vocação. Permite assim que eles(as) se dediquem com mais inteireza à evangelização.

Muitas congregações têm fomentado "fraternidades leigas", das quais participam várias pessoas, como colaboradoras (empregadas) da instituição, voluntários, companheiros(as) na ação pastoral na Igreja local e amigos. Nas fraternidades não existem estruturas hierárquicas, funções e exigências profissionais, nem relações trabalhistas. O futuro das fraternidades leigas depende em mostrar com clareza que não são uma continuidade do espaço formal do trabalho, e sim um "ninho de fraternidade e sororidade", no qual acontecem a convivência, a partilha de vida, a reflexão da Palavra de Deus e a solidariedade. Não se trata de uma mera promoção da instituição, mas sim de uma expressão do carisma. É importante que estas fraternidades tenham o apoio da congregação e presença estimuladora de ao menos um(a) consagrado(a), mas a coordenação pertence aos leigos.

9. A título de conclusão

É possível e necessário estreitar a relação com os leigos, também no ambiente profissional das instituições formais. Isso será feito, inicialmente, com o profissionalismo animado pela fé. Mas não se limitará a esse plano. Quando os religiosos acreditam que alguns de seus colaboradores leigos se transformarão em reais parceiros e companheiros, e investem nisso, começa o belo caminho da missão partilhada. Oração, formação cristã, delegação de responsabilidades, constituição de fraternidades, e tantas outras formas expressam então o caminho de "mútuas relações", que levará até a novas formas de expressão do carisma e de pertença. Como bem expressou uma leiga:

"Percebo que embora tenhamos estados diferentes de vida, somos complementares e isso faz toda a diferença. A vida do leigo, assim como a dos religiosos, pode ser enriquecida pelo trabalho comum, pela ação partilhada, nas experiências vividas e até nas divergências de idéias. Tudo isso faz com que ambos pensem sobre sua ação e seu compromisso com a construção do Reino de Deus (..) É o Espírito que nos une, esta força invisível, dinâmica, criativa e atuante. É o Espírito de Deus que nos congrega e nos orienta (..) Sonho com um Instituto onde possamos, Irmãs e leigos, sentar à mesma mesa, partilhar o mesmo pão e a mesma Palavra" (Laiza Gomes).

Irmão Afonso Murad, FMS. Teólogo, Professor de Teologia no ISTA e na FAJE, em Belo Horizonte.

Endereço do autor:
Caixa Postal 5233
72001-970 Taguatinga - DF
E-mail: amurad@ubee-marista.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - A mútua colaboração entre religiosos/as e leigos é questão prioritária na sua Província e/ou Comunidade?
2 - Como potenciar nas instituições da Vida Religiosa essa dinâmica de mútuas relações?
3 - Quais os principais obstáculos a serem superados para fazer avançar esse processo?

Identidade Indígena e Vida Religiosa

Florêncio de Almeida Vaz, OFM

Nos últimos anos a Conferencia dos Religiosos do Brasil (CRB), tanto em nível regional como nacional, e algumas congregações religiosas têm se preocupado cada vez mais com a questão da presença de negros e indígenas entre os seus membros. O surgimento do Grupo de Religiosos Negros e Indígenas (GRENI), e a sua persistência depois de 18 anos, é um sinal dessa atenção dedicada à questão étnica dentro da Vida Religiosa (VR). Pode-se dizer que sobre a negritude na VR já existe até bastante reflexão e experiências que vêm sendo acumuladas desde os anos 1980. O mesmo não se pode dizer em relação aos padres e religiosos(as) indígenas, que continuam invisíveis, dando a idéia de que eles são bem reduzidos. Será mesmo? Por que são tão poucos os indígenas a participar do GRENI? Nessa discussão outros elementos precisam ser colocados na mesa.

1. Resgatando a memória dos índios no GRENI

Já foi denunciado em outros textos, que o estilo de VR predominante entre nós tem uma forte influência da cultura européia, transplantada para estas terras junto com os missionários, suas regras e constituições. Resultou daí uma dificuldade de aceitação de pessoas com outros estilos de vida e culturas. Os poucos negros(as) e indígenas que entravam nas congregações tinham que negar-se a si mesmos como portadores de culturas distintas da cultura européia dominante e terminavam por "branquear-se" – ou ao menos esforçavam-se para isso. Faz muito tempo não existem mais nas congregações impedimentos formais para a entrada de negros e índígenas e há até um discurso de abrir a VR para esses grupos, em cujo mundo e realidade as congregações teriam que se inculturar. No entanto, ao menos em se falando de indígenas, sua tímida presença e participação ainda se apresenta como um problema desafiador[1].

Faz exatamente 11 anos que coordenamos, em nome do GRENI, uma pesquisa que pretendia saber o que os religiosos indígenas teriam a dizer sobre a sua experiência na VR. Os resultados estão disponíveis no artigo intitulado "A Experiência dos Religiosos Indígenas Hoje", publicado na Revista Eclesiástica Brasileira (REB), em junho de 1996[2]. É interessante notar que já naquela época a questão de compreender os indígenas na VR estava colocada. Os resultados não foram muito animadores, mas ilustravam uma realidade que ainda hoje é problemática. De 100 questionários mandados

[1] "Problema" neste contexto tem o sentido de uma questão teórica a ser estudada e respondida, dado a sua relevância para a sociedade. Neste caso, o interesse na solução do problema é para a VR e a Igreja como um todo.

[2] VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A Experiência dos Religiosos Indígenas Hoje. In: *Revista Eclesiástica Brasileira/REB*-Editora Vozes, Petrópolis, N. 56 fasc.222, junho de 1996, pp. 430-435.

para pessoas que acreditávamos que fossem indígenas (pelos traços físicos e lugares de origem), apenas 14 foram devolvidos. Isso demonstrava que poucos estavam dispostos a assumir-se como indígenas. Uma vez que o questionário se direcionava aos religiosos indígenas, o ato de respondê-lo já era uma confirmação de identidade étnica. Outro dado interessante: a maioria rejeitava ser identificada pelo termo "índio", por ter um sentido pejorativo ("selvagem"), e preferia "indígena" ou "nativo".

Sobre esse termo

Foi unânime a colocação das dificuldades de adaptação à VR, devido às diferenças entre "o pensamento e a vida" na sociedade indígena e na comunidade religiosa. Pormenorizando as dificuldades: linguagem, organização da vida (disciplina rígida, ritmo agitado e o peso da estrutura), convivência muito formal e os valores (determinada atitude na aldeia era boa e na VR era condenada). Alguém chegou a falar em um "abalo cultural", onde a parte indígena seria aquela que deveria ser negada, e a pessoa, assimilar a outra cultura dominante, adaptando-se. Os relatos falavam de enormes barreiras, onde manter a identidade, a auto-estima e conservar-se diferente era um "sofrimento", devido aos preconceitos explícitos. Uma sugestão dada: que a formação favorecesse o respeito às raízes indígenas e ao padrão cultural dos formandos. Sem isso, continuaríamos a formar religiosos desorientados culturalmente, como bem ilustra esta fala de um estudante de teologia:

"Os meus contatos e as minhas relações com as minhas origens (costumes, tradições) perdi e me sinto perdido [...]" [3].

Essa desorientação se devia ao esforço do candidato em negar os seus costumes para assimilar a cultura brasileira ou aquela predominante nas comunidades – que não raro podia ser mais italiana ou espanhola do que mesmo brasileira. O jovem aprendia logo que quanto maior a negação de si e a adaptação ao novo meio, maior seria a sua aptidão para a VR. Ocorre que exatamente nesse contexto entrou o GRENI na vida desses religiosos, com uma dinâmica de revalorização da cultura indígena. Muitos se redescobriram, passaram a levantar sua combalida auto-estima e a esforçar-se para "resgatar" suas culturas e os laços com seus povos de origem. Ao mesmo tempo em que reforçavam seus laços com suas raízes, a aceitação do estilo de vida dominante nas comunidades ficou ameaçada. Manifestaram-se abertamente os conflitos (que já estavam latentes) com os formadores e superiores, e muitos chegaram à conclusão de que a vida de indígena não era compatível com as estruturas da VR. Não eram raros comentários como *"quem participa do GRENI é revoltado e problemático"*. Muitos dos que pensavam assim não participavam dos encontros do GRENI. Para livrar-se deste estigma outros religiosos indígenas faziam questão de

O jovem aprendia logo que quanto maior a negação de si e a adaptação ao novo meio, maior seria a sua aptidão para a VR.

[3] Idem, p. 433.

manter distância das reuniões do GRENI, o que parecia tranqüilizar seus superiores. As marcas desse tempo se fazem sentir até hoje.

Posso dizer com tristeza que daquelas pessoas conhecidas que moravam no Amazonas ou no Pará, e que responderam o questionário, a grande maioria saiu das congregações algum tempo depois. Lamentavelmente, pois a VR perdeu ali bons quadros. Pelas próprias conclusões daquela pesquisa, vemos que isso se deveu ao fato de a VR não se abrir para um contato amistoso com as culturas indígenas. Certamente houve exageros de alguns indígenas, como houve da parte de alguns superiores, mas nada que um diálogo respeitoso não resolvesse. O temor do "diferente" acabou falando mais alto. Parece que as sugestões colocadas em nosso texto não foram muito consideradas.

Nem todos indígenas que realçaram sua autoestima e tentaram realizar o tal "resgate" da sua cultura e dos valores nativos saíram das congregações, é claro. Outros continuaram com este processo, não livre de tensões, e permaneceram até hoje nas congregações. Mas é verdade também que eles são uma minoria entre um grande número de religiosos de origem indígena que não se assume como tal. Estes não demonstram desejo sequer de refletir sobre sua identidade étnica, até porque *grande parte deles acredita verdadeiramente que não é indígena.* Ao contrário, parecem estar muito bem, ignorando essa questão. Por aí se pode compreender porque nos encontros do GRENI quase não participam indígenas. Pelo que já falamos antes e por outras razões, essas pessoas têm motivos para pensar e agir assim.

2. Indígenas, aqueles que devem desaparecer

Falar em identidade indígena no Brasil é tocar num assunto complexo, quase mesmo proibido, como um tabu. Sabe-se que "os índios existiram" na época da Conquista, na chegada de Cabral às costas brasileiras, ou que alguns "ainda existem" no interior das florestas. Falar de indígenas é sempre falar de um "outro" muito distante. Está embutida aí a idéia de sociedades exóticas e fora do nosso tempo atual (pois seriam do passado) e que inevitavelmente estariam condenadas à extinção. Os indígenas são aqueles condenados a desaparecer.

Falar em identidade indígena no Brasil é tocar num assunto complexo, quase mesmo proibido, como um tabu.

Se encontramos facilmente quem se diz descendente de italianos ou portugueses (e muitos querem mesmo o passaporte de "cidadãos" desses países), e se hoje é cada vez maior o número dos que se afirmam orgulhosamente como negros ou afro-descendentes, raramente vemos alguém que se identifica como indígena. E os poucos corajosos quando o fazem nas cidades ainda tem que escutar coisas como "mas, você é índio mesmo? Fala a língua?" Ou seja, é tão estranho alguém falar de si mesmo como ndígena, que a pessoa é colocada imediatamente sob suspeita. Afinal, para o senso comum "índio mesmo" é o do tipo "selvagem" que mora na floresta. As cidades não são lugar de índio. Apesar de ter crescido o movimento de pessoas que não vivem em aldeias e que passam a se assumir como indígenas, a idéia dominante se mantém quase inalterada.

A firmeza dessa monolítica ideologia da negação do indígena se deve em parte às suas raízes fincadas na história. Vem desde a divulgação das idéias de que os "índios" nas terras brasileiras eram "canibais", maus e sem alma. Que eles eram a anti-civilização, e por isso deveriam ser combatidos e catequizados. Em resumo, para ser "civilizados" deveriam deixar de ser indígenas. E muitos indígenas, para sobreviver, tiveram que se submeter a este processo. Foi assim até a segunda metade do século passado nas escolas salesianas no rio Negro (AM), onde os índios (segundo o que contam os "sobreviventes") tinham que negar seus costumes, falar somente o português e aprender os bons modos "civilizados". Não eram raros os castigos físicos para aqueles que insistiam em falar sua língua indígena e conservar o antigo jeito de viver.

... a maioria das pessoas com ascendência indígena e características culturais associadas a estes povos, mesmo aquelas com fortes traços físicos indígenas, não se reconhecem como tais.

Antes, em fins do século XIX e início do século XX, veio a manipulação ideológica da "mestiçagem" dentro do pensamento racista da época, que resultou no discurso de uma única identidade nacional, como um resultado mais evoluído do que as unidades raciais anteriores (negro, índio e branco). Assim, ser índio ou ser negro era sinal de atraso e primitivismo, enquanto ser "moreno brasileiro" ou "a mistura de raças" era avanço e sinal da singularidade na nação brasileira. O "branco" escapou deste estigma, de modo que se já era sinônimo de "civilizado" antes da mistura, assim continuou mesmo nos tempos da "mestiçagem". Se bem que, mesmo os que se dizem brancos afirmam sem problemas que têm *um pouco* do sangue de negros e índios (geralmente idealizam tal ascendência, como nos relatos da distante "bisavó índia caçada a laço"). Ou seja, mesmo mestiçados, os "brancos" continuariam brancos. Já os negros e índios deveriam desaparecer na mestiçagem, e as ascendências africana e indígena em geral passaram a ser muito desvalorizadas, como "inferiores" ou desonrosas. Resulta desse fenômeno a generalizada negação da ancestralidade e identidade étnica indígena (VARGA, 2003).

Por essas razões a maioria das pessoas com ascendência indígena e características culturais associadas a estes povos, mesmo aquelas com fortes traços físicos indígenas, não se reconhecem como tais. Ou negam abertamente sua identidade indígena ou a escamoteiam como podem. Nos censos, no quesito "cor" elas optam por "pardos", "não-declarada" ou até mesmo "brancos". Esse é o caso da população amazônica chamada de "cabocla", que na verdade é indígena (Idem, 2003). O Governo avaliza esta ideologia ao considerar "índios" apenas os que vivem nas aldeias ou Terras Indígenas (TI). A maioria das ONGs indigenistas também continua presa à idéia de indígenas como "exóticos-aldeados-rurais", enquanto nas cidades existe um enorme contingente de indivíduos que são tão índios quanto os aldeados, mas que acabam sendo considerados "menos-índios" porque já não seriam "puros". Se ser índio na aldeia já era difícil, agora na cidades ser um índio sob suspeita é outro drama.

Voltemos à comparação com os descendentes de italianos e portugueses que querem ser

cidadãos desses países, e com os descendentes de africanos que fazem questão de dizer-se "negros". Com os indígenas ainda predomina um sentimento contrário: um esforço para afastar-se ao máximo das suas origens étnico-raciais. Por exemplo, é comum que pessoas quando saem de suas aldeias indígenas no interior da Amazônia e vão morar nas grandes e médias cidades, como Manaus (AM) ou Boa Vista (RR), digam que não são mais índios ou neguem que um dia foram índios. Porém, é bom esclarecer, não foram os índios que inauguraram essa visão distorcida. Os não-índios em geral pensam que os índios que estudam, trabalham e vivem nas cidades com costumes próprios das cidades deixam de ser índios. Por descuido, alguns daqueles que vieram das aldeias para as cidades podem soltar uma frase como "eu era índio", e farão de tudo para provar que não o são mais. Pessoas que nunca viveram em aldeias, mas que têm traços físicos associados aos indígenas, ao responder à pergunta se são índios, dizem *"minha tataravô era índia, mas eu também tenho sangue de holandês, italiano e português"*. Ou seja, a condição de índio é algo que não se quer destacar e algo de que as pessoas querem fugir, ao invés de se aproximar.

... a condição de índio é algo que não se quer destacar e algo de que as pessoas querem fugir, ao invés de se aproximar.

Já outros com um pouco mais de orgulho da sua ancestralidade indígena para realçá-la usam normalmente o termo "descendente"[4]. Já é uma pequena evolução, se considerarmos o traumático processo que é carregar todos os estereótipos negativos e ainda se identificar como de origem indígena. Mas os "descendentes" acabam ficando em uma posição desconfortável diante dos "índios". É como se estes fossem "verdadeiramente índios" e aqueles fossem apenas "remanescentes" ou índios de segunda categoria. Por exemplo, não é comum alguém falar que é "descendente" dos brancos; tampouco encontramos pessoas que se afirmam "descendentes" dos negros. Normalmente, descendentes de brancos ou negros, dizem que são "brancos" ou "negros", rspectivamente. Somente os índios degeneram na sua descendência, ou seja, os "descendentes" deixam de ser "índios". Muito estranha essa raça, não é? Assim, só pode mesmo estar condenada à extinção. Ainda bem que tudo isso se passa no nível puramente ideológico, já que identidade étnica não tem a ver diretamente com genética. Para enfrentar uma ideologia, só uma visão crítica da realidade e das idéias, uma contra-ideologia.

A contra-ideologia que já está sendo propagada desmonta tais idéias e aponta para outra direção: os descendentes dos povos indígenas são índios também, do mesmo jeito que o filho do peixe peixinho é; os índios mestiçados ou "misturados" com outras raças não deixam de ser índios, pois ser índio é principalmente

[4] Na Bahia existe até mesmo uma associação de "índiodescendentes", termo claramente inspirado em "afrodescendente". Eles não estão se afirmando como "índios", estão criando uma outra categoria étnica. Por isso s tais "índiodescendentes" não são vistos como índios pelas organizações indígenas.

questão de consciência e afirmação política e não de "pureza" de sangue; índio é índio tanto nas aldeias na floresta como nas cidades; índios são "civilizados" também e estão dispostos a compartilhar os frutos da sua civilização com todos os povos etc.

Uma das idéias distorcidas que mais trabalho dá para desmontar é aquela do índio como "selvagem-aldeado-exótico", devido ao modo como ela ficou arraigada nas mentes dos brasileiros. Mas a metade dos indígenas hoje (aproximadamente 370 mil) mora em cidades e desenvolve atividades tipicamente urbanas, e continua se afirmando indígena. Além de ser um estereótipo negativo, essa idéia vai contra o direito que têm os povos de se assumir com a identidade étnica que quiserem e de decidir em que consiste a diferença de serem o que são. Por exemplo, os Pankararu que vivem em São Paulo, eles é que devem dizer porquê são mesmo "índios Pankararu". E ninguém mais pode argumentar que eles já não moram numa aldeia na floresta, e por isso não são índios. A Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) lhes garante esse direito da auto-identificação: são índios os que se assumem como tais, e eles decidem a forma de serem índios, de serem diferentes dos outros.

Outra visão a ser superada é que "é índio quem tem cara de índio, ou quem é índio puro". Os traços físicos "típicos" de índios são apenas um pequeno detalhe. A pessoa pode ter "cara" de índio, e não se assumir como índio; ou pode ter traços físicos mesclados mais próximos de negros e brancos, e mesmo assim assumir-se como indígena. Não existe "índio puro", como não existe negro ou branco puro. As exceções são muito raras, já que a miscigenação sempre acompanhou a humanidade, e nos últimos séculos tem se intensificado. Além do mais, não viemos todos nós de uma única mãe original, a Eva africana, como a genética provou recentemente? Ou seja, biologicamente somos todos iguais. O conteúdo específico da identidade dos "índios" e de outros grupos raciais ou étnicos não deve ser procurado no tipo físico "puro", pois ela é uma criação social e histórica, podendo mudar no tempo e no espaço. Nas interações sociais um grupo decide que critérios vai usar para marcar a sua identidade como grupo étnico "distinto" dos outros. Os traços físicos são apenas um dos elementos entre tantos (religião, arte, culinária, mitos, história etc.) que são manipulados pelas pessoas e grupos nesse complexo processo.

Não existe "índio puro", como não existe negro ou branco puro. As exceções são muito raras, já que a miscigenação sempre acompanhou a humanidade, e nos últimos séculos tem se intensificado. Além do mais, não viemos todos nós de uma única mãe original, a Eva africana, como a genética provou recentemente? Ou seja, biologicamente somos todos iguais.

Então, ser indígena é em primeiro lugar uma "decisão" política, no sentido de o grupo ou o indivíduo se apresentar como uma identidade de **sujeito** na "polis", na cidade. Do mesmo jeito, aquele que se esconde e se nega como índio também está fazendo uma decisão política. Ser índio não é uma coisa que está na "cara",

mas é algo que vem de dentro de cada um (indivíduo e coletivo) que decide assumir tal identidade, os costumes e o seu jeito próprio de ser".

3. Novos tempos e novas relações interétnicas na VR

Nós estamos vivendo um tempo novo no campo das relações étnico-raciais em toda a América Latina. Grupos e pessoas que viviam envergonhados e escondidos estão saindo do anonimato e da invisibilidade e "decidindo" mostrar-se indígenas. Se antes a ordem era negar sua identidade indígena, agora é cada vez maior o número daqueles que querem afirmar essa identidade. No Brasil este processo está sendo mais lento, porém a tendência é ficar mais dinâmico.

Ninguém se afirma indígena sozinho. A identidade étnica tem um lado individual e outro coletivo. As pessoas constroem ou reconstroem sua identidade étnica ou racial em grupos, onde convivem, discutem, trocam, dão significados às coisas. A partir desses grupos elas agem na sociedade. Para os religiosos indígenas, é o caso do GRENI e das comunidades indígenas de onde as pessoas vieram. A consciência étnica é fruto de um processo onde a pessoa assume o seu EU (indígena, por exemplo) frente aos OUTROS (negros, brancos etc.). Ao afirmar-se como pertencente a um grupo, a pessoa resgata e assume os elementos positivos do seu povo, e começa a realçá-los orgulhosamente. Espiritualmente, ela começa a fazer uma "viagem de volta" aos valores morais e espirituais do seu povo, através de uma aproximação com os mitos, tradições e a história da resistência de sua gente. Falamos "espiritual" não só no sentido religioso em si, mas englobando aquilo tudo que os Guarani chamam de "o-nosso-modo-de-ser". Então, é possível o índio ser católico ou muçulmano, mas ele terá antes de tudo um "modo-de-ser-indígena".

As pessoas constroem ou reconstroem sua identidade étnica ou racial em grupos, onde convivem, discutem, trocam, dão significados às coisas.

Esse apego ao seu modo-de-ser frente ao modo-de-ser dos outros povos se chama **etnocentrismo**, e é um fenômeno normal entre os grupos humanos. Anormal é um grupo de pessoas que não sente orgulho da sua origem e da sua cultura, e passa a vida a esconder-se e negar-se. Quem tem uma consciência étnica resolvida ou madura tem boa auto-estima, e pode se relacionar de forma mais igualitária com os outros, sem recalques ou traumas.

No processo do descobrir-se indígena, haverá quem já não sabe mais a que povo pertence, pois seus avós já morreram e muitas informações se perderam. A pessoa não têm mais uma língua original, e pouca coisa conhece da sua cultura indígena. Mas não é por isso que ela é menos indígena do que um Munduruku que mora numa aldeia no Pará. Esses indivíduos seriam o que alguns chamam de "índios genéricos", termo altamente pejorativo que no nosso entender deve ser evitado, pois é mais uma forma de reforçar a hierarquia racista que têm no "índio puro" o seu ponto máximo, sendo os outros, índios degenerados, de baixa categoria. Índio é índio, e ponto. Ou teríamos que falar também em negros africanos e quilombolas

"puros" e negros "genéricos", que moram nas cidades. E seria um absurdo.

Às vezes ocorrem tensões nesse processo, pois o indígena terá que afirmar sua identidade diante daqueles outros que continuam com a visão errada e estereotipada de índio, que já vimos antes. Ele terá que dar respostas para aquelas velhas perguntas como: "Tu és índia? Mas tu não moras mais na aldeia, tu não falas língua indígena, teu pai é branco etc.". Com uma nova consciência, a pessoa vai demonstrar que se pode ser índio na floresta e na cidade, falando ou não uma língua indígena, tendo o sangue misturado com branco ou negro etc.

O aparecimento de mais religiosos se afirmando como indígenas será um grande reforço à luta das organizações e dos povos indígenas que enfrentam muitos desafios para garantir seus direitos, principalmente a terra. Quem vive nas cidades pode divulgar rapidamente na internet uma denúncia ou uma campanha, e organizar protestos e eventos ligados à causa indígena, entre outras ações. É um serviço que o religioso poderá prestar enquanto indígena, ajudando seus parentes; e também enquanto Igreja, se aproximando dos povos indígenas com base na solidariedade e no respeito, diferente da presença passada, tão conhecida em seus resultados funestos. Mas como fazer para despertar os religiosos indígenas?

O aparecimento de mais religiosos se afirmando como indígenas será um grande reforço à luta das organizações e dos povos indígenas que enfrentam muitos desafios para garantir seus direitos, principalmente a terra.

Não basta apenas convidar para reuniões do GRENI, pois poucos irão. Para começar um processo de aproximação com esses religiosos que se supõe serem indígenas, a CRB/GRENI precisa chegar com muito cuidado e boas lições de psicologia, sabendo que será algo lento e que exigirá paciência. Afinal estaremos mexendo em um campo minado. Debaixo da terra e do capim estão lá traumas, sofrimentos, feridas, rancores, vergonhas..., que com muito esforço essas pessoas conseguiram enterrar para continuar vivendo. Ninguém tem direito de fazê-las sofrer novamente. Devemos sim ter por estes irmãos(ãs) muito respeito e carinho.

Não esqueçamos que a formação religiosa e a própria catequese cristã foram grandes responsáveis por esse processo traumático de negação da identidade indígena. Tais idéias valem como verdades para estes indígenas, e foram reforçadas ao longo de suas vidas, e não serão, portanto, removidas fácil e rapidamente.

Primeiro, se eles não se consideram indígenas, não devem ser chamados de indígenas. Vamos com paciência. Podemos no máximo nos dirigir aos religiosos "de origem indígena", "descendentes" de indígenas etc., e dizer que queremos escutá-los e saber o que eles pensam, como vêem e vivenciam as relações raciais na VR, quais são seus sonhos etc. Deve-se tocar levemente na temática da sua origem racial. Só em um segundo momento, avançamos com novas decisões e atitudes.

Outro lado que deve ser objeto de atenção é a própria comunidade do religioso indígena, que deve mudar em pensamento e atitudes, para lhe compreender e aceitar como indígena. Escutamos alguns irmãos falarem "ah, mas ela

mesma não se aceita como índia, ela mesmo se discrimina". Ou seja, a vítima se torna a responsável pelo atentado que sofreu. É preciso que todos os membros das comunidades reflitam: "e nossa comunidade, como aceita e como respeita os indígenas?" Não adiantará incentivar os religiosos indígenas a desenterrar e trabalhar seus traumas, se seus irmãos de comunidade vão continuar preconceituosos, eurocentristas e mesmo racistas. Os indígenas precisam se sentir acolhidos verdadeiramente como indígenas para poder se abrir. Qualquer desconfiança de que as coisas não mudaram, eles, como um caracol, voltam rapidamente para dentro da sua casinha.

Na seqüência desse processo será preciso realizar encontros regionais, somente com religiosos indígenas, com assessoria de indígenas ou indigenistas que tenham mais caminhada de organização e reflexão dessa problemática. Estes assessores não vão ensinar como ser indígenas religiosos, mas podem favorecer um processo onde cada religioso poderia abrir-se mais e desenvolver sua consciência indígena. Isso através de metodologias e técnicas apropriadas. Tais encontros podem dar nova dinâmica a este longo e lento processo, que ainda vai dar muitas alegrias às nossas comunidades.

Frei Florêncio Vaz, OFM, é indígena do povo Maytapu, que vive no rio Tapajós, Pará. Formado em Ciências Sociais, com mestrado em Sociologia, doutorando em Antropologia (UFBa), é professor na UFPa, pesquisando a temática da "Identidade Indígena". Ativista do movimento indígena, pertenceu ao GRENI, ajudou a criar o Grupo Consciência Indígena (GCI) e é membro da coordenação do Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (CINEP).

Endereço do autor:
Convento São Francisco
Rua São Francisco, 337 - Pelourinho
40020-310 Salvador-BA

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - A questão da identidade indígena na Vida Religiosa encontra ressonância na sua comunidade? Porque?
2 - Como contribuir, como pessoas e como comunidades, para fazer avançar na Vida Religiosa o processo do diálogo interétnico e intercultural?
3 - Como se expressa na sua comunidade o reconhecimento e a aceitação do indígena e o respeito pela sua cultura?

CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão de nossa esperança (1 Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.

2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.

3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.

4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.

5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.